



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**LUCIMAR HAMMES**

**OS VERBOS *PARAR* E *DEIXAR* COM COMPLEMENTOS DE NATUREZA VERBAL  
E DE NATUREZA NOMINAL**

**CHAPECÓ/SC**

**2015**

**LUCIMAR HAMMES**

**OS VERBOS *PARAR* E *DEIXAR* COM COMPLEMENTOS DE NATUREZA VERBAL  
E DE NATUREZA NOMINAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Morgana Fabiola Cambrussi e coorientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Núbia Ferreira Rech.

**CHAPECÓ/SC**

**2015**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

### DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Hammes, Lucimar

OS VERBOS PARAR E DEIXAR COM COMPLEMENTOS DE NATUREZA VERBAL E DE NATUREZA NOMINAL/ Lucimar Hammes. -- 2015.  
86 f.

Orientador: Morgana Fabiola Cambrussi.

Co-orientador: Núbia Ferreira Rech.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2015.

1. Complementos verbais. 2. Complementos nominais. 3. Parar. 4. Deixar. I. Cambrussi, Morgana Fabiola, orient. II. Rech, Núbia Ferreira, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCIMAR HAMMES

**OS VERBOS *PARAR* E *DEIXAR* COM COMPLEMENTOS DE NATUREZA VERBAL  
E DE NATUREZA NOMINAL**

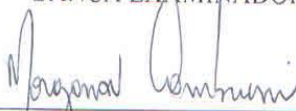
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da  
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos  
Linguísticos defendida em banca examinadora em 04/08/2015.

Orientador (a): Prof. Dr. Morgana Fabiola Cambrussi

Coorientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Núbia Ferreira Rech

Aprovado em: 04/08/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS  
Orientadora



Prof. Dr. Renato Miguel Basso – UFSCar  
Membro externo



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Ani Carla Marchesan – UFFS  
Membro interno

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Horst – UFFS  
Membro interno – Suplente

Chapecó/SC, agosto de 2015.

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo, Paulo Guilherme, pelo incentivo e ajuda; à minha filha Clara, que veio junto com o mestrado e me trouxe coragem e persistência para não desistir. Obrigada pelo apoio e compreensão.

## AGRADECIMENTOS

Todo caminho que percorremos, em cada trajetória, em cada conquista, nunca estamos sozinhos. Para cada conquista, um agradecimento.

Muitas pessoas foram importantes para que este trabalho fosse concluído.

Primeiramente, agradeço a Deus. Obrigada pela oportunidade, por proteger a mim e minha filha, ainda bebê, pelas rodovias que ligam o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Obrigada por guiar comigo.

À minha família, Paulo Guilherme, Alexia e Clara, por me dar força para conseguir ser mãe e estudante ao mesmo tempo, por entender minha ausência e minhas preocupações. Vocês foram meu alicerce toda vez que pensei que não chegaria até o final. Obrigada por estarem ao meu lado.

Aos meus colegas, por toda atenção e apoio durante os semestres que estudamos juntos e por me apoiarem e me ajudarem durante minha gestação. Obrigada por serem tão gentis comigo quando eu levava a Clara junto nas aulas. Agradeço, em especial, a Franciele, por toda ajuda, discussão de dados, troca de conhecimentos. O mestrado não seria o mesmo sem você. Agradeço pela troca de conhecimentos e pelas amizades formadas.

Aos professores, que, da mesma forma que meus colegas, me apoiaram e ajudaram durante todo o percurso. Agradeço à professora Núbia Ferreira Rech, pela orientação de parte deste trabalho, pela amizade, pelo apoio e principalmente por ser tão carinhosa comigo durante minha gestação e, depois, com a Clarinha. Vou guardar para sempre no meu coração a sua imagem segurando minha filha para eu terminar uma atividade ou uma prova. Você é um exemplo para mim. Agradeço, também, à professora Morgana Fabiola Cambrussi, por aceitar terminar a orientação do meu trabalho, por toda ajuda e atenção. Professores, obrigada pela oportunidade de aprender com vocês.

Aos meus amigos, Maiquel, Cris, Jeni, Rafa, Carine, agradeço pela força, pelo apoio e por entenderem minha ausência e, ainda assim, continuarem ao meu lado. Obrigada por entenderem a importância desse trabalho para minha vida e por sempre me incentivarem a ir além. Sou muito feliz por ter vocês ao meu lado em todos os momentos. A todos os meus amigos: muito obrigada.

## RESUMO

Este estudo se insere na interface sintaxe e semântica, utilizando os pressupostos da teoria gerativa chomskyana, no modelo Princípios e Parâmetros (P&P). Neste trabalho, foram analisadas construções com os verbos *deixar* e *parar* com complemento infinitivo preposicionados (InfP) e complementos nominais no português brasileiro (PB). Nesta pesquisa, objetivamos depreender as noções que esses verbos expressam, associando-as à categoria do seu complemento, averiguando se os verbos *deixar* e *parar* contribuem de forma diferente para o significado de uma sentença, ou se ambos expressam sempre uma noção de aspecto interruptivo nos diferentes contextos sintáticos. Para esta análise, foi adotada a divisão de classes de aspecto lexical sistematizada por Vendler (1967): *estado*, *atividade*, *accomplishment* e *achievement* e os refinamentos feitos por Bertinetto (1986) e Basso e Ilari (2004), no que se refere à divisão da classe dos estativos, e por Smith (1997), que inclui os *semelfactivos* na classe dos aspectuais. Nossas principais hipóteses foram: (i) *parar* e *deixar* expressam aspecto interruptivo quando figuram com complementos infinitivos preposicionados [InfP]; (ii) *parar* indica aspecto interruptivo em todos os seus empregos, mesmo com DP na posição de seu complemento; (iii) a restrição dos aspectuais *parar* e *deixar* a complementos DPs natos (não derivados de verbos) está relacionada ao traço [+processo], requerido por todo verbo aspectual (ROCHETTE, 1999); (iv) *deixar*, quando forma sequência com predicados que apresentam o traço [+télico], apresenta ambiguidade, podendo expressar interrupção de um único evento, ou a não-realização do evento; (v) *parar* e *deixar* oferecem restrições a predicados tipicamente estativos (BERTINETTO, 1991; BASSO; ILARI, 2004). Nossas análises apontaram que o verbo *parar* não indica interrupção de evento em todos os seus empregos, no que diz respeito ao complemento InfP, já o verbo *deixar* apresenta ambiguidade entre interrupção e negação do evento, o que parece estar relacionado ao traço [+télico]. Constatamos, também, que o traço [+processo] é requerido pelos aspectuais *parar* e *deixar* e fator determinante para a seleção de um complemento, seja de natureza verbal ou nominal. Por fim, averiguamos que os verbos *parar* e *deixar* oferecem restrições aos predicados tipicamente estativos, o que pode estar relacionado ao traço [+mudança] ausente nesses tipos de predicados. No que se refere à representação teórica desses verbos, nossas análises indicam implicações de representação arbórea dos verbos *parar* e *deixar* com complementos infinitivos preposicionados. Já a representação sintática do verbo *parar* como inacusativo lexical mostra que o verbo seleciona AI que pode ser alçado para a posição de sujeito da sentença. O verbo *deixar* como verbo lexical, pode selecionar dois ou três argumentos marcando-os tematicamente e parece não funcionar como inacusativo lexical.

**Palavras-chave:** Aspecto interruptivo. Complemento verbal. Complemento nominal. Parar. Deixar.

## ABSTRACT

This study is included in the syntax and semantic interface, using the Chomskyan assumptions of generative theory, in the Principles and Parameters model (P&P). In this work, sentences with verbs *parar e deixar* (in a free translation *to stop* and *to leave*) were analyzed with infinitive prepositioned complements (InfP) and nominal complements in Brazilian Portuguese (BP). In this research, we aimed to infer the notions that these verbs express, linking them to the category of their complement, checking if the verbs *to stop* and *to leave* contribute differently to the meaning of a sentence, or if both of them always express a sense of interruptive aspect in different syntactic contexts. For this analysis, it was adopted the division of classes of lexical aspect systematized by Vendler (1967): state, activity, accomplishment and achievement and the refinements made by Bertinetto (1986) and Basso and Ilari (2004), regarding the division of the class of the stative verbs, and by Smith (1997), that includes the class of semelfactive verbs in the aspectual verbs class. Our main assumptions were: (i) *to stop* and *to leave* express an interruptive aspect when appearing with prepositioned infinitive complements [InfP]; (ii) *to stop* indicates an interruptive aspect in all of its uses, even when the DP is in the position of its complement; (iii) the restriction of the aspectual verbs *to stop* and *to leave* regarding the native DPs complements (not derived from verbs) is related to the feature [+process], as required by all aspectual verbs (ROCHETTE, 1999); (iv) *to leave*, when forming sequence with predicates that present the feature [+telic], presents ambiguity and can express interruption of a single event, or non-realization of the event; (v) *to stop* and *to leave* offer restrictions to typically stative predicates (BERTINETTO, 1991; BASSO; ILARI, 2004). Our analysis showed that the verb *to stop* does not indicate interruption of the event in all of its uses, regarding to the InfP complement. However, the verb *to leave* presents ambiguity between interruption and negation of the event, which seems to be related to the feature [+telic]. We also noted that the feature [+process] is required by the aspectual verbs *to stop* and *to leave* and a determining factor for selecting a complement, either of verbal or nominal nature. Finally, we ascertained that the verbs *to stop* and *to leave* offer restrictions to the typically stative predicates, which can be related to the feature [+change] in these types of predicates. Considering the theoretical representation of these verbs, our analysis indicates implications in the representation of the verbs *to stop* and *to leave* when these are followed by prepositioned infinitive complements. On the other hand, the syntactic representation of the verb *to stop* as a lexical unaccusative shows that the verb selects an IA that can be moved to the positions of subject of the sentence. The verb *to leave* as a lexical verb can select two or three arguments marking them thematically and seems not to function as lexical unaccusative.

**Keywords:** Interruptive aspect. Verbal Complement. Nominal Complement. To stop. To leave.



## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| QUADRO 1 – Traços semânticos presentes nas classes acionais de Vendler (1967) .....                      | 33 |
| QUADRO 2 – Classes acionais proposta por Smith (1997).....   | 35 |
| QUADRO 3 – Traços semânticos e classes acionais propostos por Bertinetto (1986, 1991) ..                 | 36 |
| QUADRO 4 – Traços presentes nos predicados estativos segundo Basso (2004) .....                          | 38 |
| QUADRO 5 – Classes acionais propostas por Vendler (1967), Bertinetto (1986, 1991) e<br>Smith (1997)..... | 39 |
| QUADRO 6 – Síntese do verbo <i>parar</i> figurando com complementos verbais .....                        | 61 |
| QUADRO 7 – Deixar quando figura com complementos verbais .....   | 62 |

## SUMÁRIO

|   |             |
|---|-------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>11</b>   |
| <b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....  | <b>14</b>   |
| 1.1 PREDICADOS FUNCIONAIS E PREDICADOS LEXICAIS .....                           | 14          |
| <b>1.1.1 Hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque (1999, 2006)</b> .....     | <b>14</b>   |
| <b>1.1.2 Rochette (1999)</b> .....  | <b>21</b>   |
| 1.2 NOÇÕES DE ASPECTO .....   | 24          |
| <b>1.2.1 Aspecto Gramatical</b> .....   | <b>25</b>   |
| <b>1.2.2 Aspecto Lexical</b> .....  | <b>25</b>   |
| <b>1.2.3 Classes Aspectuais de Verbos</b> .....                                 | <b>26</b>   |
| 1.2.3.1 Pares Básicos de Valores do Aspecto Lexical .....                       | 27          |
| 1.2.3.2 Estatividade e Dinamicidade .....                                       | 27          |
| 1.2.3.3 Telicidade e Atelicidade .....  | 27          |
| 1.2.3.4 Pontualidade e Duratividade .....                                       | 28          |
| <b>1.2.4 Classes Acionais</b> .....   | <b>29</b>   |
| 1.2.4.1 Classes Acionais Propostas por Vendler .....                            | 29          |
| 1.2.4.2 Estados .....   | 29          |
| 1.2.4.3 Atividades .....  | 30          |
| 1.2.4.4 Accomplishment .....  | 31          |
| 1.2.4.5 Achievement .....   | 32          |
| <b>1.2.5 Síntese das classes acionais propostas por Vendler</b> .....           | <b>32</b>   |
| <b>1.2.6 Smith (1997)</b> .....   | <b>34</b>   |
| 1.2.6.1 Semelfactivos .....   | 34          |
| <b>1.2.7 Bertinetto (1986, 1991)</b> .....                                      | <b>36</b>   |
| 1.3 FECHAMENTO DO CAPÍTULO .....  | 38          |
| <b>2 ANÁLISE DOS VERBOS <i>PARAR</i> E <i>DEIXAR</i> COM COMPLEMENTOS</b> ..... | <b>InfP</b> |
| <b>E DP</b> .....   | <b>41</b>   |
| 2.1 <b>PARAR</b> .....  | <b>42</b>   |
| <b>2.1.1 Parar com complemento InfP</b> .....                                   | <b>42</b>   |
| 2.1.1.1 Parar com predicados de estado .....                                    | 43          |
| 2.1.1.2 Parar com predicados de atividade .....                                 | 44          |
| 2.1.1.3 Parar com predicados de accomplishment .....                            | 45          |
| 2.1.1.4 Parar com predicados de achievement .....                               | 47          |
| 2.1.1.5 Parar com predicado semelfactivo .....                                  | 48          |
| <b>2.1.2 Parar com complemento DPs</b> .....                                    | <b>48</b>   |
| 2.1.2.1 Parar com nominalizações deverbais .....                                | 49          |
| 2.1.2.2 Parar com DPs natos .....   | 50          |
| 2.2 <b>DEIXAR</b> .....   | <b>51</b>   |
| <b>2.2.1 Deixar com complemento InfP</b> .....                                  | <b>52</b>   |
| 2.2.1.1 Deixar com predicados de estado .....                                   | 52          |
| 2.2.1.2 Deixar com predicados de atividade .....                                | 54          |
| 2.2.1.3 Deixar com predicados de accomplishment .....                           | 55          |
| 2.2.1.4 Deixar com predicados de achievement .....                              | 56          |

|  |           |
|--|-----------|
| 2.2.1.5 <i>Deixar com predicados de semelfactivo</i> .....                                   | 58        |
| <b>2.2.2 Deixar com complementos DPs</b> .....   | <b>58</b> |
| 2.3 FECHAMENTO DO CAPÍTULO .....   | 60        |
| <b>3 REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES</b> .....                                    | <b>64</b> |
| 3.1 HIPÓTESE INACUSATIVA E A INACUSATIVIDADE .....   | 64        |
| 3.2 ESTRUTURA E VERBOS DE ALÇAMENTO .....  | 67        |
| 3.3 PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA PARA OS VERBOS <i>PARAR</i> E<br><i>DEIXAR</i> ..... | 68        |
| <b>3.3.1 Parar e deixar com complementos de natureza verbal</b> .....                        | <b>69</b> |
| 3.3.1.1 <i>Parar e deixar com InfP</i> .....   | 69        |
| 3.3.1.2 <i>Parar e deixar com DPs deverbais</i> .....  | 73        |
| <b>3.3.2 Parar e deixar com DPs natos</b> .....  | <b>75</b> |
| 3.4 FECHAMENTO DO CAPÍTULO .....   | 78        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>80</b> |
| <b>REFEFÊNCIAS</b> .....   | <b>84</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo os verbos *parar* e *deixar* no português brasileiro (PB) em contextos sintáticos em que figuram com complemento de natureza verbal [InfP] e de natureza nominal [DP]. O principal objetivo desta pesquisa é depreender as noções que esses verbos expressam, associando-as à categoria do seu complemento. É possível que esses verbos apresentem diferentes significados quando figuram com complementos de natureza verbal ou nominal. *Parar* e *deixar* assumem uma conotação aspectual quando figuram com um infinitivo ou com um DP derivado de verbo na posição de seu complemento; quando, entretanto, seu complemento constitui um DP nato, o verbo *parar* parece continuar figurando aspecto interruptivo, já o verbo *deixar* parece não indicar aspecto. As sentenças do exemplo (1), a seguir, mostram o verbo *parar* com um complemento de natureza verbal [InfP] e nominal [DP], respectivamente:

- (1) a. Pedro parou [PP de [InfP digitar o trabalho]].  
b. Pedro parou [DP a digitação do trabalho].

Em (1a), o verbo *parar* subcategoriza um infinitivo preposicionado (*de digitar o trabalho*). Em (1b), *parar* se combina com um DP (*a digitação do trabalho*), que corresponde à forma nominalizada do verbo em (1a). Em ambas as sentenças, *parar* denota interrupção do evento, sendo empregado como verbo aspectual.

O verbo *deixar*, no português brasileiro, figura com complemento de natureza verbal [PInfP] e nominal [DPs], conforme se verifica nos exemplos a seguir:

- (2) a. Pedro<sub>i</sub> deixou [PP de [InfP ti digitar o trabalho]].  
b. Pedro deixou [DP a esposa].  
c. Pedro deixou [DP o filho [PP na escola]].

O verbo *deixar* parece assumir uma leitura aspectual apenas quando figura com complemento de natureza verbal, como em (2a). Nesta sentença, o verbo *deixar* seleciona somente argumento interno, apenas subcategoriza um complemento infinitivo preposicionado, denotando aspecto interruptivo. Em (2b), o verbo *deixar* figura com complemento de natureza nominal. Nesta sentença, *deixar* seleciona dois argumentos, um externo e um interno,

atribuindo-lhes papel temático de *agente* e *tema*, respectivamente. O mesmo acontece em (2c), em que o verbo *deixar* também figura com complementos de natureza nominal. Em (2c), *deixar* seleciona três argumentos, um externo e dois internos, atribuindo-lhes papel temático de *agente*, *tema* e *locativo*, respectivamente. Tanto na sentença (2b) quanto em (2c), o verbo *deixar* não denota interrupção de evento, como acontece em (2a). As sentenças dos exemplos (1) e (2) sugerem que o verbo *deixar*, à semelhança de *parar*, denota aspecto interruptivo. Entretanto, *deixar* com um complemento DP pode adquirir outros significados. Nesta pesquisa, nos propomos a investigar com mais detalhamento o comportamento desses verbos em relação à natureza do seu complemento, por julgarmos que aspectuais, por constituírem verbos funcionais, não figuram, em princípio, com DPs natos nesta posição<sup>1</sup>.

Ao constatar que o verbo *parar*, tanto com complemento de natureza verbal quanto nominal, parece denotar interrupção de evento, e que o verbo *deixar* adquire sentidos diferentes de acordo com o complemento que seleciona, julgamos relevante desenvolver um estudo que mapeasse os diferentes contextos sintáticos em que esses verbos figuram. A partir disso, pretendemos investigar os fenômenos linguísticos envolvidos na determinação de seu emprego como verbos funcionais, quando expressam aspecto, e como verbos lexicais. Objetivamos também analisar as restrições que os verbos *parar* e *deixar* impõem ao seu complemento. Dessa forma, esperamos compreender melhor o comportamento dos predicados funcionais para, assim, contribuir para a descrição do português brasileiro.

Nesta pesquisa, as principais hipóteses que são investigadas sobre o emprego dos verbos *parar* e *deixar* são: (i) *parar* e *deixar* expressam aspecto interruptivo quando figuram com complementos infinitivos preposicionados [InfP]; (ii) *parar* indica aspecto interruptivo em todos os seus empregos, mesmo com DP na posição de seu complemento; (iii) a restrição dos aspectuais *parar* e *deixar* a complementos DPs natos (não derivados de verbos) está relacionada ao traço [+processo], requerido por todo verbo aspectual (ROCHETTE, 1999); (iv) *deixar* quando forma sequência com predicados que apresentam o traço [+télico] apresenta ambiguidade, podendo expressar interrupção evento, ou a não-realização do evento; (v) *parar* e *deixar* oferecem restrições a predicados tipicamente estativos (BERTINETTO, 1991; BASSO; ILARI, 2004).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os verbos *parar* e *deixar* no português brasileiro em sentenças com complementos infinitivos preposicionados [InfP] e com

---

<sup>1</sup> DPs com o traço [+processo], mesmo não derivados de verbos, parecem poder se combinar com *parar*, acionando uma leitura aspectual para esse verbo, como em: 'A tempestade parou'; já com 'deixar' isso parece não ser possível. Esses casos serão discutidos mais adiante, no decorrer deste trabalho.

complementos nominais [DP], buscando, assim, analisar se os dois verbos em questão comportam-se de maneira semelhante e se alteram o seu significado de acordo com o complemento que selecionam. Os objetivos específicos desta pesquisa buscam identificar e analisar os tipos de complemento que *parar* e *deixar* selecionam quando denotam interrupção de evento.

Buscamos, também, identificar quais estruturas sintáticas estão relacionadas aos diferentes significados dos verbos *parar* e *deixar*, levando em consideração o uso de *deixar* como verbo funcional e lexical. Pela análise das estruturas sintáticas projetadas por esses verbos, objetivamos averiguar se os verbos *parar* e *deixar* podem ser interpretados como sinônimos em todos os contextos em que expressam interrupção de evento. Por fim, atentamos para as restrições que cada um desses verbos impõe a seu complemento, buscando averiguar se são as mesmas para ambos os verbos, ou se *parar* e *deixar* selecionam complementos diferentes e, portanto, impõem restrições específicas.

Esta pesquisa se insere no quadro teórico da gramática gerativa chomskyana no modelo de princípios e parâmetros (P&P). A metodologia que será adotada é de cunho qualitativo. A investigação considera, para o desenvolvimento do estudo, a análise dos verbos *parar* e *deixar* no PB, seguindo os princípios da Teoria Gerativa, segundo a qual regras mais profundas possibilitam o desenvolvimento linguístico e são conhecidas por toda pessoa que as usa intuitivamente. Esta teoria considera a competência linguística como a “capacidade humana que torna fundamentalmente possível que todo ser humano seja capaz de interiorizar um ou vários sistemas linguísticos, isto é, uma ou várias gramáticas.” (MIOTO, FIGUEREDO SILVA; LOPES, 1999, p. 24).

O desenvolvimento deste estudo segue os seguintes passos: i) estudo bibliográfico teórico; ii) levantamento de dados; iii) análise das estruturas sintáticas; iv) verificação do comportamento dos verbos *parar* e *deixar* quando figuram com complemento PInfP e DP em relação a diferentes fenômenos linguísticos, a fim de descrever e explicar de forma satisfatória seu emprego no PB. Seguindo os pressupostos da teoria gerativa, serão analisadas sentenças em que os verbos *parar* e *deixar* figuram com diferentes tipos de complemento, separando o fenômeno pretendido para observação, descrevendo-o e buscando desenvolver uma hipótese que explique os diferentes empregos desses verbos no PB.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 PREDICADOS FUNCIONAIS E PREDICADOS LEXICAIS

Os predicados funcionais e lexicais formam duas grandes categorias verbais. Os primeiros caracterizam-se por não selecionar argumentos, subcategorizando apenas complementos, por serem incapazes de atribuir papel temático. Estes não apresentam restrições de seleção semântica, porém apresentam restrição de seleção categorial, uma vez que subcategorizam apenas complementos de natureza verbal. Já os predicados lexicais impõem restrições de seleção semântica e categorial à posição de seu complemento; isso porque atribuem papel temático ao(s) argumento(s) que selecionam. Considerando esses aspectos, abordaremos especificidades sobre o emprego dos verbos *parar* e *deixar* como predicados funcionais e/ou lexicais. Este estudo será ancorado na proposta de uma hierarquia de núcleos funcionais comum às línguas românicas (CINQUE, 1999; 2006), apresentada na seção 1.1.1, e na análise de Rochette (1999), abordada na seção 1.1.2.

### 1.1.1 Hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque (1999, 2006)

Cinque (1999) propõe que as projeções funcionais da sentença apresentam um posicionamento sintático extremamente ordenado e hierarquizado dentro da sintaxe das línguas naturais, que é denominado de *Hierarquia Linear Universal* (HLU). Para o autor, os núcleos funcionais sentenciais estão diretamente interligados à marcação das categorias verbais, as quais podem ser morfológicas, lexicais ou puramente semântico-pragmáticas. Assim, categorias verbais como *Tempo*, *Aspecto*, *Modo/Modalidade*, *Voz* e *Número* seriam expressas pelas línguas por meio de projeções funcionais disponíveis já na própria estrutura da gramática universal (GU).

Cinque (1999) propõe analisar os AdvPs como especificadores únicos de projeções máximas distintas. Segundo o autor, esta análise se justifica na medida em que AdvPs apresentam uma correspondência com projeções funcionais, tais como *aspecto*, *negação* e *modalidade*. Para Cinque (1999), há uma hierarquia universal fixa de projeções funcionais, isso direcionaria a análise dos AdvPs também para uma ordenação. Segundo Cinque:

Classes diferentes de AdvPs entram em uma relação transparente de núcleo Spec com núcleos funcionais da sentença [...] Em outras palavras, minha sugestão é a de que os advérbios são a manifestação evidente (os especificadores) de projeções funcionais diferentes, as quais em certos idiomas podem também se manifestar por meio de material evidente nas posições de núcleo correspondentes. (CINQUE, 1999, p. v-vi, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Em Cinque (1999), encontramos uma distribuição entre advérbios que ocupam posições mais baixas na estrutura gramatical da sentença e advérbios que ocupam posições mais altas. Os primeiros são os advérbios Pré-VP, como *usually, again, often, already, soon* etc. Por sua vez, os advérbios que ocupam posições mais altas têm, em geral, escopo sobre a sentença e compreendem exemplos como *frankly, unfortunately, apparently, probably* etc. Na classe dos mais baixos, como observa e exemplifica o autor, advérbios de hábito como *généralement* precedem advérbios de negação *pas*, a negação *pas* deve preceder *déjà* e *déjà* deve preceder *plus* (CINQUE, 1999, p. 5). Com base nisso, a ordem dos advérbios baixos pode ser vista conforme em (4) e os advérbios altos conforme (5):

(4) *généralement*> *pas*> *déjà/encore*> *plus/encore*> *toujours/jamais*> *complètement/partiellement*> *tout/rien*> *bien/mal*. (CINQUE, 1999, p. 11).

(5) *franchement*> *heureusement*> *évidemment*> *probablement*> *maintenant*> *peut-être*> *intelligemment*. (CINQUE, 1999, p. 13).

Cinque (1999) estende essa proposta aos sufixos e verbos auxiliares, os quais motivam uma ordenação específica e translinguística dos núcleos funcionais. O autor argumenta a favor da existência de diversas projeções funcionais dentro da arquitetura sintática das línguas naturais. De acordo com Cinque (1999, p. 77), podemos identificar uma relação de correspondência entre certa classe de advérbios e o núcleo de categorias funcionais. Isso se deve à coincidência da ordenação entre os núcleos funcionais destas categorias e os AdvPs, conforme “hierarquia universal das projeções funcionais”, reproduzida abaixo (CINQUE, 1999, p. 106):

[*frankly* Moodspeech act] [*fortunately* Moodevaluative] [*allegedly* Moodevidential]  
 [ *probably* Modepistemic] [ *once* T(Past)] [ *then* T(Future)] [ *perhaps* Moodirrealis]  
 [ *necessarily* Modnecessity] [ *possibly* Modpossibility] [ *usually* Asphabitual] [ *again*  
 Aspcompetitive(I)] [ *often* Aspfrequentative(I)] [ *intentionally* Modvolitional] [ *quickly*  
 Aspcelerative(I)] [ *already* T(Anterior)] [ *no longer* Aspterminative] [ *still*  
 Aspcontinuative] [ *always* AsPperfect(?)] [ *just* Asp retrospective] [ *soon* Aspapproximative]  
 [ *briefly* Asp durative] [ *characteristically*(?4) Asp generic/progressive] [ *almost*  
 Asp prospective] [ *completely* AspSgCompleative(I)] [ *tutto* AspPICompleative] [ *well*

<sup>2</sup> *Different classes of AdvPs enter into a transparent Spec head relation with the different functional heads of the clause [...] In other words, my suggestion is that adverbs are the overt manifestation of (the specifiers of) different functional projections, which in certain languages may also manifest themselves via overt material in the corresponding head positions.*



Voice [fast/early Aspcelerative(II) [ again Asprepetitive(II) [ often  
Aspfrequentative(II) [ completely AspSgCompletive(II)

Com base na Hierarquia proposta por Cinque (1999) para analisar os AdvPs, Cinque (2006) propõe a Hierarquia dos núcleos funcionais. Para o autor, os núcleos funcionais possuem uma ordem rígida, ou seja, a ordem dos predicados funcionais não se altera. Segue a proposta de ordenamento dos núcleos funcionais proposta por Cinque (2006, p. 12):

MoodPspeech act > MoodPevaluative > MoodPevidential > ModPepistemic >  
TP(Past) > TP(Future) > MoodPirrealis > ModPaethic > AspPhabitual >  
AspPrepetitive(I) > AspPrequentative(I) > ModPvolitional AspPcelerative(I) >  
TP(Anterior) > AspPterminative > AspPcontinuative > AspPretrospective  
AspPproximative > AspPdurative > AspPgeneric/progressive > AspPprospective >  
ModPobligation ModPpermission/ability > AspPCompletive > VoiceP >  
AspPcelerative(II) > AspPrepetitive(II) > AspPrequentative(II)

Para Cinque (1999; 2006), os atos de falas (*Speech act mood*) são a primeira projeção funcional de modo proposta. Segundo o autor, o modo se diferencia da modalidade pelo fato de que o modo ocorre por meio da morfologia verbal, enquanto a modalidade ocorre por meio de palavras normalmente independentes, como o uso de verbos auxiliares, afixos e partículas. Esses atos de fala marcam a força ilocucionária da sentença. Assim, segundo o autor, uma língua pode distinguir os modos das formas verbais declarativas de interrogativas e de formas imperativas.

A segunda projeção funcional é a de modo avaliativo (*Mood evaluative*), normalmente expressa nas línguas por meio de morfemas presos (sufixos) ou por morfemas livres (modais ou partículas). O modo avaliativo não afeta o valor de verdade da proposição, mas expressa a avaliação do falante.

Para Cinque (1999, p. 86), o modo evidencial (*Mood evidential*) expressa o tipo de evidência que o falante tem da sentença. Geralmente, esse modo é expresso nas diferentes línguas por meio de afixos verbais, auxiliares modais ou partículas independentes, exemplos de advérbios que representam o modo evidencial citados por Cinque (1999, p.86) para o inglês são *aparentemente, obviamente, evidentemente etc.*

O modo epistêmico (*Mod epistemic*), diferentemente do alético, que expressa verdades possíveis, é aquele que marca o grau de confiança do falante acerca da verdade da proposição baseada no tipo de informação que o falante tem. Segundo Cinque, enquanto o T(*Past*) e o T(*Future*) ocorrem exatamente nessa ordem e nas posições precisas precedidos dos *Mood evaluative* e *Mood evidential*, T(*anterior*) ocorre um pouco mais adiante na hierarquia. Cinque (1999, p. 86) cita como exemplo os advérbios *provavelmente, presumivelmente, supostamente.*

Os núcleos de modo ligados aos tempos verbais de passado e futuro seguem o núcleo de modo *irrealis* (*Mood irrealis*). A distinção entre modo *realis* e *irrealis* é a de que o modo *realis* expressa ações concretas ou verídicas, cuja existência é um fato, ou seja, que não pode ser contestado; enquanto o modo *irrealis*, ao contrário, expressa ações não-concretas, não-verídicas, cujo caráter de realidade ainda é passível de contestação, podendo tornar-se real ou não. Cinque (1999, p. 88) aponta que o modo *irrealis* é usado quando o falante não pode, por algum motivo, afirmar se a proposição é verdadeira ou não e cita *perhaps* (talvez) com um exemplo de probabilidade sem afirmar a veracidade ou não do fato a que a sentença se refere.

Segundo a hierarquia proposta pelo autor, temos o núcleo de modalidade alética (*alethic modals*), que é representado por dois núcleos: o núcleo modal de necessidade (*Mod alethic necessity*) e o núcleo modal de possibilidade (*Mod alethic possibility*). Segundo Cinque (1999, p. 89), esses núcleos ocorrem nessa mesma ordem entre os advérbios epistêmicos. Os dois núcleos funcionais aléticos posicionam-se em um nível abaixo dos núcleos de modo ligados ao tempo futuro e passado, que precedem o núcleo *irrealis* anterior.

Segundo Cinque (1999, p. 90), os núcleos de modalidade de raiz seguem logo após os núcleos de modalidade alética. Os núcleos de modalidade de raiz também apresentam subdivisões. Assim, temos os núcleos de modalidade de raiz de volição (*Mod volition*), de obrigação (*Mod obligation*) e de habilidade/permissão (*Mod ability/permission*). Esses núcleos aparecem exatamente nessa ordem *Mod volition > Mod obligation > Mod ability/permission*.

Segundo a hierarquia, vêm os núcleos funcionais de Aspecto (*aspectual heads*), que são ligados diretamente à categoria verbal de Aspecto. Os núcleos aspectuais apresentam várias subdivisões, compondo-se de várias subclasses e constituindo-se no maior grupo de núcleos funcionais. Dessa forma, Cinque (1999, p. 90-91) propõe a existência dos seguintes núcleos de aspecto:

[*habitual* (Asp habitual) [*again* Asp repetitive (I) [*often* Asp frequentative (I) [*quickly* Asp celerative (I) [*no longer* Asp terminative [*still* Asp continuative (I) [*always* Asp perfect [*just* Asp retrospective [*soon* Asp proximative [*briefly* Asp durative [*characteristically(?)* Asp generic/progressive [*almost* Asp prospective [*completely* AspSg Completive (I) [*tutto* AspPl completive [*fast/early* Asp celerativo (II) [*again* Asp repetitive (II) [*often* Asp frequentative (II) [*completely* Asp completive (II). (CINQUE, 1999).

O núcleo aspectual habitual (*habitual aspect*) é definido por descrever uma situação caracterizando-a em um período estendido de tempo, segundo Cinque (1999, p. 90-91). Além disso, o aspecto habitual diferencia-se dos aspectos repetitivo e iterativo pelo fato de que estes últimos apenas expressam a repetição de uma situação, enquanto o primeiro descreve a

característica do período completamente. Temos como exemplo em Cinque (1999, p. 91) o uso de advérbios como *normalmente, usualmente, geralmente* etc. Os núcleos aspectuais repetitivo-frequentativos I e II (*repetitive/frequentative aspects*) marcam, como está explícito na sua própria denominação, a repetição ou a frequência na qual um estado, evento ou processo ocorre.

O próximo núcleo funcional é o núcleo celerativo descrito por Cinque (1999, p. 93). O aspecto celerativo, é definido como uma marcação morfológica verbal particular, que expressa o fato de que a ação verbal desempenhou-se *rapidamente*. Cinque (1999, p.93) traz como exemplo *João rapidamente levantou o braço/João levantou o braço rapidamente*, mostrando que esse advérbio pode quantificar sobre o evento. O núcleo verbal celerativo é subdividido em dois núcleos celerativos, que ocupam posições diferentes na estrutura sintática.

O núcleo funcional aspectual seguinte é o terminativo (Cinque, 1999, p. 94). O aspecto terminativo, também denominado de cessativo, é caracterizado por apresentar a ação expressa pelo verbo como tendo alcançado um ponto final. Geralmente, o aspecto terminativo é expresso nas línguas por meio de afixos verbais, partículas auxiliares ou sintagmas adverbiais.

O aspecto continuativo (*continuative aspect*) segundo Cinque (1999), parece apontar traços estreitos entre o aspecto continuativo e terminativo. O autor afirma que um dos motivos para que se postule que o aspecto continuativo e o aspecto terminativo ocupam núcleos funcionais separados seria o fato de que esses núcleos só podem ocorrer na ordem *terminativo > continuativo* e nunca na ordem inversa.

Segundo a hierarquia proposta pelo autor, após o aspecto continuativo vem o núcleo funcional aspectual relacionado à marcação de Aspecto perfeito/imperfeito (*perfect/imperfect aspect*). Cinque (1999, p. 96) cita como exemplo o uso de *Always* (sempre). O núcleo perfeito/imperfeito ocorre logo após os núcleos terminativo e continuativo.

Logo após ao núcleo funcional aspectual relacionado à marcação de Aspecto perfeito/imperfeito, temos os aspectos retrospectivo e aproximativo (*retrospective and proximate aspects*). Para Cinque (1999, p. 96), esses núcleos são abordados juntos por possuírem traços em comum. O aspecto retrospectivo expressa que uma determinada ação ocorreu em um determinado tempo passado ou que a ação acabou de ocorrer. O aspecto aproximativo expressa que uma determinada ação ocorrerá no futuro, dentre os exemplos temos a sentença *Acabei de chegar*, que representa uma ação retrospectiva, ou seja, que acabou de ocorrer.

Seguindo, temos o núcleo funcional aspectual durativo (*durative aspect*), que, para Cinque (1999, p. 99), expressa a duração, em um determinado período de tempo de ocorrência de uma ação ou acontecimento. Assim, o aspecto durativo expressa que uma ação verbal

prolonga-se no tempo, ou seja, possui duração. Nesse núcleo temos, por exemplo, o uso do advérbios como *brevemente*.

Os núcleos funcionais genérico e progressivo (*generic/progressive aspect*) seguem o aspecto durativo na hierarquia. Segundo Cinque (1999, p. 99), o aspecto genérico se diferencia do aspecto habitual por expressar a ocorrência de uma ação como um fato habitual, repetindo-se usualmente no tempo, e o aspecto habitual expressa a ação verbal como algo que pode ainda não ter sido realizado concretamente. O aspecto progressivo expressa que uma determinada ação verbal está ocorrendo (ou seja, está em progresso) no tempo. Possíveis termos que representam esses núcleos são: *tipicamente, caracteristicamente* etc.

O aspecto prospectivo (*prospective aspect*) vem em seguida e, para Cinque (1999, p. 99), o núcleo funcional aspectual prospectivo é relacionado às formas gramaticais (afixos, partículas, auxiliares e construções perifrásticas) que expressam um determinado ponto no tempo imediatamente anterior ao começo ou ao instante inicial, como mostra nos exemplos *Quase choveu/Ele quase aceitou*. Cinque (1999) salienta que, às vezes, o prospectivo é relacionado ao tempo futuro, mas isso não deve ser generalizado.

Ainda há os núcleos funcionais aspectuais completivos (*completive aspect I and II*). Os núcleos aspectuais completivos caracterizam-se por indicar que uma determinada ação já tem alcançado seu fim ou seu ponto final, isto é, sua conclusão (CINQUE, 1999, p. 100). O núcleo completivo I expressa que cada membro de um determinado grupo, no caso de um conjunto de elementos, tem sido afetado pelo término da ação, já o núcleo completivo II expressa que cada membro de um grupo tem sido **totalmente** afetado pelo término da ação. Dessa forma, o completivo I indica que a ação afetou todos os membros do grupo, e o completivo II indica que a ação que afetou todos os membros de um grupo já terminou. Por esse motivo, Cinque estabelece a distinção entre esses núcleos, fazendo com que ocupem níveis diferentes na hierarquia proposta pelo autor.

Também há o núcleo funcional ligado às vozes ativa e passiva do verbo (*Voice*<sup>o</sup>). Apesar de este aparecer como última projeção funcional mencionada dentro da HLU, *Voice* não ocupa a última posição na hierarquia propriamente dita, ocorrendo dentro o esquema das projeções funcionais aspectuais, localizando-se logo após o aspecto completivo I e antes do aspecto celerativo II. Segundo Cinque (1999), o núcleo *Voice* está relacionado diretamente com os chamados “advérbios de modo/maneira” das GTs.

Para finalizar, averiguamos ao longo desta seção que Cinque (1999; 2006) propõe a existência de diversos novos núcleos funcionais sintagmáticos na arquitetura sintática das línguas naturais. Observamos que todos eles estão ligados a, pelo menos, uma das categorias

do verbo, seja de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número ou Voz. Esses núcleos, seguindo o autor, são ordenados rigidamente na periferia esquerda da sentença, dentro de uma Hierarquia Linear Universal (HLU). Vimos, ainda, quais projeções funcionais ligam-se às projeções funcionais mencionadas, preenchendo-lhes a posição de núcleo. Vale ressaltar que esta pesquisa justifica-se por entendermos a importância de se estudar as projeções funcionais da sentença, tendo sempre em vista o campo analítico de interface Pragmática/Semântica-Sintaxe, ou seja, levando sempre em consideração, dentro dos estudos linguísticos sintáticos, questões pragmáticas/semânticas das línguas naturais.

Ressaltamos ainda que os aspectuais interruptivos *parar* e *deixar*, nosso objeto de estudo, correspondem ao núcleo ASPcessativo da hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999; 2006). As sentenças em (3), a seguir, foram transcritas de Cinque (1999, p. 95) e ilustram o emprego desse núcleo funcional no italiano:

- (3) a. *Gianni ha smesso di amare Maria* (= *Gianni non ama piu Maria*).  
(Gianni parou de amar Maria (= João não ama Maria mais))
- b. *Gianni ha smesso (cessato) di cantare* (= *Gianni non canta piu*).  
Gianni parou (cessou) de cantar (= João não canta mais).
- c. *Gianni ha smesso di scrivere la tesi* (= *Gianni non scrive piu la tesi*).  
(Gianni parou de escrever a tese (= João não escreve mais a tese.))
- d. % *Gianni ha smesso di raggiungere la vetta* (%*Gianni non raggiunge piu la vetta*).  
(Gianni deixou de atingir o cume (João não atingiu o cume))

O verbo *smettere* corresponde, na hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque, ao Aspcessativo. Este subcategoriza um infinitivo preposicionado (PInfP) para a posição de seu complemento, conforme os exemplos (3a-d). No PB, esse núcleo aspectual é lexicalizado pelos verbos *parar* e *deixar*, que igualmente formam sequência com um PInfP.

Para apreender a posição do núcleo Aspcessativo na hierarquia proposta por Cinque, apresentamos, a seguir, exemplos do PB em que os aspectuais interruptivos *parar* e *deixar* formam sequência com outros núcleos funcionais em uma mesma sentença:

- (4) a. Pedro está parando/deixando de correr.  
b. Pedro \*parou/\*deixou de estar correndo.
- (5) a. Joana tem de parar/deixar de trabalhar.  
b. Joana parou/deixou de ter de trabalhar.

A diferença de gramaticalidade das sentenças do exemplo (4) revela que o Aspcessativo, núcleo ao qual os verbos *parar* e *deixar* correspondem, segue o AspDurativo, lexicalizado pelo verbo *estar* no PB. As sentenças do exemplo (5) são ambas bem formadas; cabe observar, entretanto, que essa alternância na ordem dos verbos funcionais modifica a noção expressa pelo núcleo modal *ter de*. Por exemplo, em (5a), *ter de* corresponde a um modal volitivo, expressando ideia de *desejo*; já em (5b), quando segue *parar/deixar*, *ter de* expressa ideia de obrigação, correspondendo ao núcleo ModObrigação. Esses dados sinalizam na direção de que o núcleo Aspcessativo se localiza entre o AspDurativo (*estar*) e o ModObrigação (*ter de e dever*), ocupando uma posição intermediária na hierarquia. Na sequência do trabalho, objetivamos realizar mais testes de ordenamento no PB para ter clareza da posição exata desse núcleo na hierarquia e poder, assim, verificar as implicações da Generalização proposta por Cinque (1999; 2006) para o estudo dos aspectuais interruptivos (ou cessativos) no PB.

### 1.1.2 Rochette (1999)

Rochette (1999) analisa o comportamento dos aspectuais em estruturas nas quais tais verbos figuram com complemento de natureza infinitiva (PInfP) ou nominal (DP). A autora propõe a distinção de três categorias semânticas de complementos: ação, evento e proposição. A seguir, transcrevemos um trecho de Rochette. Assim a autora apresenta essas categorias:

Em Rochette (1988), desenvolvi uma abordagem geral para a complementação sentencial articulada em termos do mecanismo da seleção semântica. Propus a distinção de três principais categorias semânticas de complementos: ação, evento e proposição. Estas categorias semânticas são selecionadas respectivamente por predicados pertencentes a três classes distintas de predicados: os predicados efetivos, os emotivos e os proposicionais. Esta classificação de predicados principais, ilustradas em (3), foi tomada de empréstimo do estudo de Long (1974). Long estabelece uma primeira distinção entre predicados efetivos e reflexivos. Predicados efetivos descrevem uma relação do sujeito – casual, potencial ou outra – com a realização de uma ação, enquanto os predicados reflexivos expressam um julgamento do sujeito (humano) em relação a uma proposição ou um evento. (ROCHETTE, 1999, p. 146, tradução nossa)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> In Rochette (1988), I developed a general approach to sentential complementation articulated in terms of the mechanism of semantic selection. I proposed to distinguish three major semantic categories of complements: action, event and proposition. These semantic categories are respectively selected by predicates belonging to three distinct semantic classes of predicates: the effective, emotive and propositional predicates. This classification of main predicates, which is illustrated in, is borrowed from the study of Long (1974). Long establishes a first distinction between effective and reflective predicates. Effective predicates describe a subject's relationship - whether causal, potential or other - to the performance of an action whereas reflective predicates express a (human) subject's judgment concerning a proposition or an event. Long also establishes a further distinction between two

As diferenças em que esses tipos de predicados baseiam-se são as seguintes: o Ativo se caracteriza pela relação do sujeito com a ação, aparecendo somente com complementos no infinitivo ou no gerúndio; o Reflexivo se caracteriza pelo julgamento do sujeito referente à proposição de um evento, podendo ter complementos no infinitivo ou conjugados. Estes podem ser de dois tipos: (i) o emotivo: julgamento de relevância pessoal (ex: *desejar*), o qual seleciona complementos no subjuntivo; (ii) o proposicional: julgamento de valor de verdade (ex. *acreditar*), o qual seleciona complementos no indicativo.

Rochette (1999, p. 148) explica que a seleção de diferentes tipos de complementos, bem como as suas variações de propriedade sintática, acontece porque cada classe semântica de predicado principal seleciona categorias semânticas distintas para seu complemento, que são estruturalmente realizadas como projeção das categorias sintáticas distintas: o predicado ativo seleciona a categoria semântica *ação*; o emotivo seleciona *evento*; e o proposicional seleciona *proposição*.

Os verbos aspectuais pertencem à classe dos predicados ativos, desde que não expressem nenhum julgamento por parte do sujeito. Os aspectuais não descrevem realmente a relação do sujeito com a *performance*, mas atuam como modificadores aspectuais com respeito à ação indicada pelo predicado encaixado e seu argumento, incluindo seu argumento externo, o qual se torna sujeito do verbo aspectual na estrutura de superfície.

Para Rochette (1999, p. 148), as propriedades sintáticas e semânticas das construções em que o verbo aspectual seleciona complemento no infinitivo indicam que o predicado principal é o verbo encaixado, e é este o responsável pela seleção de argumentos e pela atribuição de papéis temáticos. Assim, Rochette afirma que os verbos aspectuais apresentam características de verbos de alçamento, comportando-se como predicados funcionais, que não impõem restrições ao seu complemento e, conseqüentemente, nem ao sujeito da sentença. Este constitui argumento do predicado encaixado. No entanto, para alguns autores, os aspectuais são uma classe híbrida, por manifestarem propriedades de verbos de alçamento, mas também de verbos de controle. Segundo Perlmutter (1970), os aspectuais podem entrar em estruturas de controle, como nos exemplos transcritos de Rochette (1999, p. 148):

- (6) a. *I tried to begin to work.* (Eu tentei começar a trabalhar.)  
b. *I forced Tom to begin to work.* (Eu forcei Tom a começar a trabalhar.)

---

*types of reflective predicates: predicates of the emotive type which express judgments of personal relevance"and predicates of the propositional type which express judgments of truth value.*

Para Rochete, entretanto, os aspectuais em (6a) e (6b) não descrevem um evento autônomo. Semanticamente, sua função é de modificador aspectual em relação ao evento descrito pelo predicado infinitivo (*to work – trabalhar*) na posição de seu complemento. Rochette observa que, em construções com aspectuais, ocorre a manifestação de uma série de propriedades características de uma estrutura mono-oracional. Esses verbos se assemelham aos auxiliares à medida em que desencadeiam a formação de predicado complexo (ROCHETTE, 1999; CINQUE, 2006). Vejamos os exemplos a seguir, extraídos de Rochette (1999, p. 151):

- (7) a. *John begins to read this book.* (John começa a ler este livro.)  
b. *John wishes to read this book.* (João deseja ler este livro.)

A sentença (7a) não envolve dois eventos distintos, mas sim um único evento *ler este livro*. O aspectual inceptivo *começar* captura o ponto de início desse evento. Já uma sentença como (7b) envolve dois eventos: o primeiro é descrito pelo predicado *wish (desejar)*, e o segundo evento "não realizado" é descrito pelo predicado *to read (ler)*, infinitivo que ocupa a posição de seu complemento (ROCHETTE, 1999, p. 151).

A ausência de restrições de seleção ao tipo de evento na posição de complemento do aspectual também questiona a validade de uma análise bioracional para construções com esses predicados. Para Rochette (1999, p. 154), os aspectuais podem livremente introduzir *accomplishments* e atividades, mas não aceitam *achievements* nem estados como seus complementos. Pustejovsky (1988, 1991) e Rochette (1999) propõem que *accomplishments* e atividades formam uma classe aspectual natural, que é caracterizada, em termos de categoria semântica, como processo. As restrições de seleção do aspectual são mais bem manuseadas por meio desta categoria semântica particular. Lamiroy (1987), em estudo dos aspectuais no francês, apresenta cinco estratégias que legitimam a ocorrência de estativos na posição de complemento dos aspectuais. Essa ocorrência é possível em contextos com emprego de NPs plurais ou advérbios que delimitem o tempo do evento. Esses recursos ativam uma interpretação sequencial de situações sucessivas, o que Lamiroy (1987) chama de efeito de serialização. Para Rochette (1999), o efeito de multiplicar a situação descrita o aproximaria dos predicados de atividades. Outra restrição dos aspectuais que recai sobre os predicados de estado se refere à distinção entre predicados do tipo *stage level* e do tipo *individual level*. Os primeiros descrevem situações transitórias como em *Joao é/ está gordo*, e, em alguns casos, podem exibir o efeito *multiplexing*. O efeito *Multiplexing* ocorre quando uma situação se repete através de plurais ou



quando recebe um limite, normalmente ausentes no caso de estados ou *achievements*, através da presença de uma cláusula adverbial permitindo uma interpretação sequencial de sucessivas situações. Já os do tipo *individual level* descrevem eventos permanentes, como em *João é alto/tem olhos castanhos*.

Considerando que os aspectuais selecionam um complemento [+processo], quando um nome ocupa a posição de complemento desses verbos, esse nome deve exibir o traço [+processo], característico dos verbos, ou é possível que haja um infinitivo implícito na estrutura (ROCHETTE, 1999; CINQUE, 2006). Para Rochette (1999, p. 161-162), o aspectual não seleciona nenhum argumento, uma vez que não dispõe de papéis temáticos para atribuir. A atribuição de papéis temáticos é feita pelo predicado infinitivo implícito na estrutura, por isso a representação sintática de uma sentença com verbo aspectual deve projetar a posição do predicado infinitivo, mesmo quando este estiver implícito.

A autora observa que os aspectuais podem ter um complemento não-finito, comportando-se como predicados funcionais, como podemos confirmar em Rochette (1999, p. 162, tradução nossa): “Por um lado, os verbos aspectuais, como outros verbos da matriz, introduzem complementos não-finitos e podem aparecer como um predicado de uma frase original em estruturas transitivas simples.”<sup>4</sup> Por outro lado, como os verbos auxiliares, a sua função é a de modificadores de predicado, nesses casos não selecionam argumentos. Segundo essa autora, os verbos aspectuais e auxiliares compartilham a propriedade de aparecer em estruturas monoclausal.

## 1.2 NOÇÕES DE ASPECTO

O termo *aspecto* foi desenvolvido a partir de pesquisas sobre línguas eslavas e assim definido pela literatura linguística para designar o modo pelo qual as línguas descrevem uma determinada eventualidade (Comrie 1976, Brinton 1988, Smith 1997, entre outros apud BERTUCCI, 2011). Para buscar uma definição de verbo aspectual, é necessário analisar a relação que esses verbos, também chamados de aspectualizadores, possuem com dois domínios diferentes, porém, muitas vezes, confundidos: o aspecto gramatical e o lexical. Abordar esses dois domínios aspectuais permite esclarecer e distinguir noções como (a)telicidade e (im)perfectividade (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006).

De acordo com Wachowicz e Foltran (2006, p. 211), “há aí dois domínios que se relacionam

---

<sup>4</sup> “On the one hand, aspectual verbs, like other matrix verbs, introduce non-finite complements and can appear as the unique predicate of a sentence in simple transitive structures.”

intimamente e frequentemente se confundem: o domínio do **aspecto lexical** que, em geral, não se limita ao nível lexical, e o domínio do **aspecto gramatical** que, de modo geral, pode ter uma manifestação morfológica mais efetiva”. Evidenciar as diferenças entre esses dois domínios é de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois, para esta pesquisa, é importante compreender o limite entre as duas noções de aspecto, visto que priorizaremos o aspecto lexical. Na seção 1.2.1, serão apontadas algumas definições acerca do aspecto gramatical. Na seção 1.2.2, serão abordadas as definições referentes ao aspecto lexical, assim como sua relação com as classes aspectuais, também chamadas de classes acionais ou *Aktionsarten*.

### 1.2.1 Aspecto Gramatical

O aspecto gramatical, normalmente, é expresso por um morfema gramatical ligado ao verbo principal ou a um verbo auxiliar associado ao verbo principal nas sentenças. O aspecto gramatical é, portanto, um sistema de classificação por meio de marcas morfológicas, são processos gramaticais que envolvem formas verbais, adverbiais e verbos aspectuais, no que se refere à flexão verbal, por exemplo. Comrie (1976, p. 3) define aspecto gramatical como “diferentes maneiras de visualizar a constituição temporal interna de uma situação.” O aspecto gramatical divide-se em duas grandes categorias que se opõem: **perfectivo** e **imperfectivo**. O aspecto perfectivo caracteriza-se por não fazer distinção entre as estruturas internas, assim, o ponto de vista assumido é externo. Em relação a esse aspecto, Comrie (1976, p. 3-4) afirma que o olhar se dá a partir “do lado de fora da situação sem distinguir, necessariamente, sua estrutura interna”. Já o aspecto imperfectivo, é caracterizado por distinguir os intervalos iniciais e finais de uma situação, assumindo um ponto de vista interno; nas palavras de Comrie (1976, p. 3-4), o olhar se dá a partir “do lado de dentro da situação e, como tal, diz respeito à estrutura interna da situação”.

Para Castilho (1967), as noções de aspecto expressam duração verbal, ou duração da eventualidade denotada pelo verbo. O autor distingue perfectivo de imperfectivo pela duração, como se observa no seguinte trecho: “se a ação verbal indica duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo” (CASTILHO, 1967, p. 14).

### 1.2.2 Aspecto Lexical

Nesta seção, abordaremos a noção de aspecto como uma propriedade semântica determinada pelo verbo ou pelo verbo e seus complementos. A abrangência do aspecto lexical não se limita apenas ao nível lexical, ele está relacionado com as classes aspectuais, também chamadas de classes acionais ou *Aktionsarten* (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006).

Para Smith (1997), o aspecto lexical refere-se aos “tipos de situações”. Em consenso, as autoras Smith (1997) e Wachowicz e Foltran (2006) salientam que o aspecto lexical é dado pelo verbo, seus complementos e demais elementos envolvidos na decomposição do predicado. Sua proposta está ancorada em Vendler (1967), que propõe uma organização dos eventos em quatro classes aspectuais: *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Esta pesquisa tem por base a classificação presente em Vendler (1967).

### 1.2.3 Classes Aspectuais de Verbos

A proposta de Vendler (1967) divide o aspecto lexical em quatro categorias semânticas: os *estados*, as *atividades*, os *accomplishments* e os *achievements*. Os *estados* são definidos como uma classe homogênea, por não terem um ponto final definido e por não denotarem ação ou mudança. Vendler caracteriza-os como não agentivos. São exemplos de predicados de estados *estar amando*, *sabendo etc.* (VENDLER 1967, P. 104). As *atividades* são definidas como eventos durativos, sem uma temporalidade definida, ou seja, são processos que se desenvolvem no tempo e não envolvem culminação. Além disso, as atividades constituem processos agentivos que denotam ações de forma homogênea. São alguns exemplos de verbos que denotam atividades: *correr*, *nadar*, *escrever etc.* Os *accomplishments* denotam eventos heterogêneos e que se desenvolvem no tempo, ou seja, apresentam duração, mas se encaminham para um ponto final determinado. São exemplos de *accomplishments*: *comer uma maçã*, *pintar um quadro*, *escrever um livro etc.* Por último, temos os *achievements*, que são definidos como eventos heterogêneos que envolvem um instante temporal único e definido, ou seja, apresentam um ponto de culminação do evento. Os *achievements* se diferenciam dos *accomplishments* por serem instantâneos, ou seja, são pontuais, tendo seu ponto de culminação instantâneo, não apresentando duração. Alguns exemplos de predicados de *achievements* são: *quebrar*, *perder*, *chegar etc.* Vendler (1967, p. 110) ressalta que as categorias não estão fechadas, podendo haver outras classificações para os verbos.

Vendler (1967), conforme Wachowicz (2008, p.60), retoma discussões abordadas por Aristóteles, envolvendo a distinção aspectual entre *Kinesis* (movimento) e *energia* (fato ou realidade), contrastando, assim, ações que são completas em si mesmas (*energia*), que são

classificadas como atéticas e denotadas por estados e atividades, com ações que são inerentemente incompletas (*kinesis*), necessitando de um ponto final para se configurarem como eventos télicos, classificadas como *accomplishments* e *achievements*.

O modelo de classificação adotado por Vendler (1967) e refinado por Smith (1997) considera três pares básicos de valores para aspecto lexical: estaticidade e dinamicidade; telicidade e atelicidade; pontualidade e duratividade. Passamos, agora, à abordagem mais específica de cada um dos pares básicos de valores do aspecto lexical, segundo esses autores.

### *1.2.3.1 Pares Básicos de Valores do Aspecto Lexical*

Nesta seção, serão apontadas as principais características dos pares básicos de valores do aspecto lexical. Primeiramente, apresentaremos a distinção entre estaticidade e dinamicidade (seção 1.2.3.2); na sequência, abordaremos a distinção entre telicidade e atelicidade (seção 1.2.3.3); por fim, a distinção entre pontualidade e duratividade (seção 1.2.3.4).

### *1.2.3.2 Estaticidade e Dinamicidade*

Para Smith (1997, p. 40-41), a estaticidade e a dinamicidade se referem à possibilidade de um predicado descrever um estado que não se altera no período de tempo ou uma sucessão de estados ou estágios de um processo que transcorre no tempo. Para essa autora, as situações podem pertencer às duas classes de fenômenos: os estados e os eventos. Os estados são homogêneos, e os eventos são dinâmicos, por se constituírem por estágios diferentes, envolvendo dinamicidade e mudança, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (8) a. Pedro tem olhos castanhos.  
b. Pedro pintou uma flor na parede da sala.

Em (8a), temos presente o valor de estaticidade, pois *ter olhos castanhos* é uma característica específica de Pedro. Já em (8b), temos o valor de dinamicidade, pois *pintar uma flor* constitui-se de estágios diferentes entre si.

### *1.2.3.3 Telicidade e Atelicidade*

A telicidade e a atelicidade referem-se à possibilidade de um predicado apresentar ou não um fim predeterminado. Assim, a telicidade é marca de eventos que decorrem para um ponto final determinado, um ponto a partir do qual não haverá mais prosseguimento do evento. Já a atelicidade ocorre em estados e eventos que não apresentam um fim definido. Vale ressaltar que a distinção entre eventos télicos e atélicos pode ser difícil de ser capturada em algumas sentenças. Assim, quando um predicado se refere a uma situação com um ponto final mais determinado, podemos dizer que é um predicado télico, ou que são marcados positivamente para o traço télico [+télico]; já os predicados com um fim não definido são atélicos, ou podemos dizer que são marcados negativamente para o traço télico [-télico], conforme ilustram os exemplos a seguir:

- (9) a. Pedro está escrevendo.  
b. Pedro está escrevendo um poema.

Em (9a), percebemos que não há um ponto final determinado, embora saibamos que *Pedro*, em algum momento, irá parar de escrever, interrompendo o evento de escrever, mas isso não está determinado na sentença, sendo ela, então, classificada como atélica ou com um traço [-télico]. Já em (9b), o término do evento de escrever está determinado pelo momento em que *Pedro* terminará de escrever o poema. O evento deve, portanto, ser classificado como télico ou com um traço [+télico], e esse traço se deve ao fato de o complemento do verbo encaixado ser parte integrante do evento, por isso altera o aspecto do verbo.

#### 1.2.3.4 Pontualidade e Duratividade

A pontualidade se refere à possibilidade de um predicado apresentar um evento que não se prolonga no tempo. Já a duratividade refere-se a um evento ou estado que se prolonga por um determinado período de tempo. Como exemplos de predicados durativos, temos os estados, as atividades e os *accomplishments*, pois eles denotam situações que se prolongam por um determinado período de tempo. Já a pontualidade é uma marca de predicados de *achievements*. Os exemplos abaixo mostram bem a diferença entre eventos pontuais e durativos:

- (10) a. Pedro sabe escrever em hebraico.  
b. Pedro corre no parque todos os dias.  
c. Pedro bebeu dois copos de água.  
d. Pedro estourou o balão com um alfinete.

Em (10a), temos um exemplo de predicado de estado. Neste caso, percebe-se o traço [+durativo], pois se Pedro sabe escrever em hebraico em um determinado momento, isso será verdade para todos os tempos posteriores ao momento em que Pedro aprendeu a escrever em hebraico. Em (10b) e em (10c), temos uma atividade e um *accomplishment*, respectivamente. Nessas sentenças, percebe-se também o traço [+durativo]. Mesmo que, na sentença (10c), exista um ponto determinado para o fim do evento, a duratividade está presente no fato de que a sentença só será verdadeira depois que Pedro beber os dois copos de água. Já em (10d), temos um *achievement*, um exemplo de evento pontual, pois o balão passa de cheio a estourado instantaneamente, não apresentando duratividade; logo o traço pontualidade é característico dos *achievements*.

#### 1.2.4 Classes Acionais

A partir desta seção, apresentaremos a classificação presente em Vendler (1967) sobre a divisão dos predicados em classes acionais. Priorizaremos o uso da nomenclatura *classes acionais*. Com o intuito de abordar as principais características de cada classe, os traços e as propriedades que as definem, dividimos as quatro classes propostas por Vendler em subseções: em 1.2.4.1, apresentaremos as classes vendlerianas; em seguida, abordaremos, separadamente, as quatro classes propostas por Vendler e suas principais características, iniciando, em 1.2.4.2, com os *estados*; em 1.2.4.3, apresentamos as *atividades*; em 1.2.4.4, os *accomplishments*; e, por último, em 1.2.4.5, os *achievements*.

##### 1.2.4.1 Classes Acionais Propostas por Vendler

De acordo com Vendler (1967, p. 97), o uso do verbo pode sugerir a forma como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo. Assim, diferentes esquemas de tempo (*time schemata*) são divididos, de acordo com Vendler, em quatro categorias: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. A partir de agora, veremos cada uma dessas categorias separadamente.

##### 1.2.4.2 Estados

Os estados, segundo Vendler (1967), caracterizam-se por não serem agentivos e por não apresentarem processos que se desenvolvem no tempo. Essa categoria aspectual inclui verbos

que descrevem situações que não podem ser classificadas como eventos, pois apresentam duração indefinida, são atéticos, ou seja, não apresentam um ponto final definido (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006).

De acordo com Vendler (1967, p. 108), essa categoria inclui verbos que designam qualidades, como *ser casado*, *estar doente* etc, e também hábitos, ocupações, habilidades, entre outros. Os predicados que contêm um verbo dessa categoria apresentam uma homogeneidade interna, ou seja, qualquer parte interna de um estado compartilha as mesmas características com qualquer parte desse estado. Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (11) a. Pedro sabe falar inglês.  
b. Pedro está apaixonado por Maria.

Em (11a), o predicado de estado realiza um esquema temporal de forma que, se *Pedro* sabe inglês, isso será verdade em diferentes períodos de tempo. O mesmo acontece em (11b), em que a paixão de Pedro por *Maria* é descrita como constante, ou seja, apresenta uma duração indefinida. Ambos os exemplos contêm predicados atéticos, que não apresentam um ponto final definido na sentença.

#### 1.2.4.3 Atividades

As atividades, de acordo com Vendler (1967, p. 99-100), caracterizam-se por serem predicados que designam processos que se desenvolvem no tempo, e esses períodos de tempo são delimitados. Os predicados de atividade são agentivos e podem envolver atividades físicas ou mentais. De acordo com Smith (1997, p. 18), as atividades possuem propriedades dinâmicas, durativas e atéticas. Da mesma forma que os estados, as atividades também são homogêneas, com a diferença de que, nas atividades, pode-se identificar diferença nos subintervalos (VENDLER, 1967, p. 106), como se verifica nas sentenças do exemplo a seguir:

- (12) a. Pedro corre todos os dias.  
b. Pedro estuda todas as noites.

Em (12a) e (12b), temos exemplos de atividades que são realizadas por *Pedro*. (12a), por exemplo, não apresenta um ponto final definido para o fim da atividade, mas fica pressuposto que *Pedro* corre por um período do dia, e não o tempo todo. Outro ponto que podemos ressaltar por meio desta sentença é a diferença nos subintervalos que podem ser

percebidos nas atividades. É provável que, em alguns momentos, *Pedro* corra mais rápido e em outros corra mais devagar; isso não pode ser percebido nos estados, sendo essa uma diferença importante entre os *estados* e as *atividades* (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 213).

#### 1.2.4.4 Accomplishment

Os *accomplishments*, de acordo com Vendler (1967, p. 100-101), são processos compostos por estágios sucessivos, são durativos e télicos, ou seja, encaminham-se para um ponto final determinado. Smith (1997, p. 18) ressalta os traços de dinamicidade, duratividade e telicidade dos *accomplishments*, salientando que um *accomplishment* envolve todos os estágios internos particulares, assim como a completude do evento. Observemos as sentenças a seguir:

- (13) a. Pedro comeu dois pastéis.  
b. Pedro escreveu um poema.

Nas sentenças (13a) e (13b), temos dois exemplos de *accomplishment*. Em (13a), fica explícito que, ao final de comer o último pastel, a sentença se torna verdadeira e, portanto, tem seu ponto final determinado. O mesmo acontece em (13b), pois, no momento em que *Pedro* terminar de escrever o poema, a sentença se completa. A diferença entre as atividades e os *accomplishments* é que as atividades não precisam atingir um determinado ponto para serem completas, ao contrário dos *accomplishments*, que precisam ter todo seu processo concluído para a sentença ser verdadeira (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 213). Outra diferença importante entre esses predicados é que os *accomplishments*, diferentemente dos estados e das atividades, não descrevem eventos homogêneos, ou seja, cada estágio interno desse evento é diferente entre si. O resultado de um *accomplishment* acarreta uma nova condição. Smith (1997) ressalta ainda que a relação causal entre processo e resultado permitiria distinguir *accomplishment* de atividade, como ilustrado em (14):

- (14) a. Pedro estava construindo uma casa.  
b. Pedro construiu uma casa há seis meses.

Em (14a), temos uma atividade. Nesse caso, é verdadeiro que Pedro estava construindo uma casa, porém, não podemos afirmar se a casa foi totalmente construída, ou seja, se teve o processo de construção finalizado. Em (14b), está sendo empregado um *accomplishment*, que é um exemplo de uma nova condição da relação entre processo e resultado. Este sugere a



existência da casa e, ainda, implica que esta esteja em condições de funcionamento, dado que o evento *construir uma casa* foi finalizado, a construção foi completamente concluída, como explica Smith (1997).

#### 1.2.4.5 Achievement

De acordo com Vendler (1967, p. 103-104), os *achievements* e os *accomplishments* possuem algumas características em comum, como a telicidade, por exemplo, mas diferem no que se refere ao traço pontualidade. Os *accomplishments* são durativos, e os *achievements* são pontuais, predicam de momentos de tempo único, não se desenvolvendo no tempo. Vejamos os exemplos em (15) a seguir:

- (15) a. Pedro perdeu a chave.  
b. Pedro estourou o balão.

Como podemos perceber, em (15a) e em (15b), *perder a chave* e *estourar o balão* são eventos instantâneos, ou seja, *Pedro* passa de ter a chave para não ter a chave, e o balão passa de cheio a estourado; são tempos únicos, assim, não apresentam duratividade.

A relação causal entre processo e resultado, como mencionado anteriormente com os *accomplishments*, também ocorre nos *achievements*, embora de uma maneira diferente, pois os *achievements* são instantâneos e pontuais, não se desenvolvendo no tempo da mesma forma que os *accomplishments*. Por apresentarem esses traços, os *achievements* ou não são compatíveis com advérbios ou expressões adverbiais que expressam duração, ou formam sentenças que soam estranhas, como podemos perceber com o uso de *em x tempo* e de *por x tempo* (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 216), em (16):

- (16) a. \*Pedro perdeu a chave *em uma hora*.  
b. \*O balão estourou *por 10 minutos*.

As sentenças (16a) e (16b) ficam agramaticais se combinadas com expressões adverbiais do tipo *em X tempo* ou *por X tempo*, pois *perder a chave* e *estourar o balão* são eventos instantâneos, portanto, não apresentam duratividade.

### 1.2.5 Síntese das classes acionais propostas por Vendler

Conforme apresentado, as classes acionais presentes em Vendler (1967) são divididas em quatro: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Vimos também que alguns desses predicados compartilham alguns traços, mas se diferenciam por outros, e esses traços são muito importantes para a definição de cada categoria. Assim, cada categoria é caracterizada por reunir propriedades essenciais definidoras: os *estados* não são dinâmicos, apresentam duração de tempo indefinida e são atélicos, não apresentando um ponto final definido; as *atividades* descrevem eventos dinâmicos e homogêneos, são durativas e não apresentam um ponto final definido, portanto, são atélicas; os *accomplishments* descrevem eventos dinâmicos, com estágios sucessivos e são télicos, apresentando um ponto final definido para o evento; por fim, os *achievements*, estes são dinâmicos, pontuais e télicos.

Definiremos essas categorias também através dos pares dos traços semânticos que foram destacados anteriormente, que são: [+/- estativo] ou [+/-dinâmico], [+/- télico], e [+/- pontual] ou [+/- durativo]. Assim, os estados são [+ estativos] ou [-dinâmicos], [- pontuais] ou [+durativos] e [-télicos]; as atividades apresentam os traços [-estativo] ou [+ dinâmico], [-pontual] ou [+durativo] e [-télico]; os *accomplishments* são [-estativos] ou [+dinâmicos], [-pontuais] ou [+durativos] e [+télicos]; por fim, os *achievements* são [-estativos] ou [+dinâmicos], [+ pontuais] ou [-durativos] e [+télicos] (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 218-220). Esses traços estão sistematizados no quadro abaixo:

QUADRO 1 – Traços semânticos presentes nas classes acionais de Vendler (1967)

| Categorias/<br>traços | Estados | Atividades | <i>Accomplishments</i> | <i>Achievements</i> |
|-----------------------|---------|------------|------------------------|---------------------|
| Estativo              | +       | -          | -                      | -                   |
| Dinâmico              | -       | +          | +                      | +                   |
| Pontual               | -       | -          | -                      | +                   |
| Durativo              | +       | +          | +                      | -                   |
| Télico                | -       | -          | +                      | +                   |

Fonte: Vendler (1967); Wachowicz e Foltran (2006, p. 218-220).

Como podemos perceber, os traços semânticos definem e diferenciam cada uma das categorias de Vendler. Os estados e as atividades se diferenciam pelo traço [+/-estativo] ou [+/-dinâmico]; as atividades se diferenciam dos *accomplishments* apenas pelo traço [+/- télico]; os *accomplishments* se diferenciam dos *achievements* pelo traço [+/-pontual] ou [+/-durativo]; e

os estados se diferenciam dos demais por vários traços, mas os estados são os únicos que são [+estativos] ou [-dinâmicos]. Definir os traços semânticos que categorizam cada uma das classes vendlerianas é de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

### 1.2.6 Smith (1997)

Smith (1997) fez um refinamento das classes acionais propostas por Vendler (1967): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. A autora propõe uma quinta classe de aspectuais, os *semelfactivos*, os quais ela chama de *atividades de múltiplos eventos* (Smith, 1997, p. 180). Essa divisão é corroborada por Comrie (1976), que os denomina como *iterativos*, e por Dini e Bertinetto (2006), que os definem como *pontuais*. Os estudos de Rothstein (2004, 2008a, 2008b) associam o *comportamento de semelfactivos* aos predicados de *atividade*, sendo que Rothstein (2004) é contrária à ideia de classificar os *semelfactivos* como uma quinta classe aspectual. A autora os considera como uma subclasse aspectual que faria parte dos predicados de atividade. Para este estudo, teremos como base a divisão proposta por Vendler (1967) e por Smith (1997).

#### 1.2.6.1 Semelfactivos

Smith (1997) propõe uma quinta classe às sistematizadas por Vendler (1967), a qual a autora denomina como *semelfactivos*. Esse termo é de origem latina: *semel* significa “uma vez”, e é usado, frequentemente, nas línguas eslavas, referindo-se a um sufixo que indica um único evento (SMITH, 1997, p. 29). Essa classe caracteriza-se por apresentar eventos dinâmicos, atéticos e instantâneos. A distinção entre estático e dinâmico é o que diferencia as cinco classes, sendo que apenas os estados apresentam o traço [+estático]. A seguir, apresentamos o quadro com os traços que definem as cinco classes acionais (SMITH, 1997, p. 20):

QUADRO 2 – Classes acionais proposta por Smith (1997)

| <i>Situações</i>      | <i>Estativo</i> | <i>Durativo</i> | <i>Télico</i> |
|-----------------------|-----------------|-----------------|---------------|
| <i>Estados</i>        | +               | +               | -             |
| <i>Atividades</i>     | -               | +               | -             |
| <i>Accomplishment</i> | -               | +               | +             |
| <i>Semelfactivos</i>  | -               | -               | -             |
| <i>Achievement</i>    | -               | -               | +             |

Fonte: Smith (1997, p. 20).

Os *semelfactivos* são, então, uma quinta classe caracterizada pelos traços [-estático], [-durativo] e [-télico]. Smith (1997, p.29) aponta ainda, essa classe como eventos de um único estágio sem algum resultado ou mudança. Conforme a autora, são exemplos de *semelfactivos*: *knock the door* (bater a porta), *flap the wings* (bater as asas) *blink* (piscar), *cough* (tossir), *the light flicker* (a luz piscar), *tap* (dar tapas), *peek* (espiar), *scratch* (arranhar), *kick* (dar pontapés), *hammer a nail (once)* (martelar um prego uma vez), *pound on the table (once)* (bater na mesa uma vez). Em (17), apresentamos outros exemplos de predicados *semelfactivos* em sentenças. Estes foram transcritos de Smith (1997, p. 180):

- (17) a. *Sam coughed.* (Sam tossiu.)  
 b. *Della tapped on the desk.* (Della bateu em cima da mesa.)  
 c. *The bird flapped its wing.* (O pássaro bateu suas asas.)

A autora observa que as sentenças em (17) descrevem eventos que acontecem uma única vez. Se os eventos ocorrerem de maneira repetitiva, serão classificados como atividades de múltiplos eventos, como ilustram as sentenças em (18), também extraídas de Smith (1997, p. 181):

- (18) a. *I stopped knocking.* (Eu parei de bater.)  
 b. *I knocked for an hour.* (Eu bati por uma hora.)

As eventualidades em (18a) e em (18b) adquirem a leitura preferencial de eventos que ocorrem em sequência. Outra informação importante é que os *semelfactivos* possuem restrições; assim, não aparecem em situações com ponto de vista imperfectivo nem em contextos com advérbios ou expressões que denotam algum tipo de duração. Sobre o traço [+durativo], ele pode estar presente em sentenças de atividades de múltiplos eventos.

### 1.2.7 Bertinetto (1986, 1991)

Bertinetto (1991) corrobora com a classificação vendleriana, porém, subdivide a classe dos estativos em estativos permanentes e não-permanentes. O autor apresenta, ainda, uma proposta de divisão dos *achievements* em transformativos – *e-pontuais* e *s-pontuais* –, dando um fim à classe da proposta por Vendler (1967).

Para Bertinetto (1991), os estativos permanentes referem-se a eventos durativos que não se combinam com adjuntos de tempo. Os continuativos, estativos não-permanentes, resultativos e incrementais também se caracterizam como eventos durativos, porém, estes se combinam com adjuntos de tempo, como *por x tempo* e *em x tempo*. Os eventos resultativos, incrementais e transformáticos têm em comum a propriedade de serem télicos, ou seja, visam a um fim. Por esse fato, podem ser combinados com adjuntos de tempo. Os resultativos e os transformativos tratam a telicidade como um processo gradual. Já os incrementais podem ser durativos e não-durativos. Dentro da classe dos não-durativos, Bertinetto (1991) destaca também os transformativos, os *e-pontuais* e os *s-pontuais*. Os dois últimos são não-durativos, à semelhança dos transformativos, mas diferem-se destes por serem atélicos. As características de cada classe e os traços que selecionam podem ser identificados no quadro abaixo, desenvolvida por Basso e Ilari (2004, p. 60), com base na proposta de Bertinetto (1986, 1991):

QUADRO 3 – Traços semânticos e classes acionais propostos por Bertinetto (1986, 1991)

|                         | Durativo | Télico | Dinâmico | Progressivo | Adj. Temporal | Exemplos<br>Basso (2004, p. 57)  |
|-------------------------|----------|--------|----------|-------------|---------------|--|
| Continuativo            | +        | -      | +        | +           | +             | Correr, desenhar   |
| Estativo permanente     | +        | -      | -        | ±           | -             | Ser alto, pertencer à uma boa família                                  |
| Estativo não-permanente | +        | -      | -        | ±           | +             | Ter fome, ter dor de cabeça  |
| Resultativo             | +        | +      | +        | +           | +             | Correr até a loja, pintar o quadro                                     |
| Incremental             | ±        | +      | +        | +           | +             | Envelhecer, melhorar   |
| Transformativo          | -        | +      | +        | +           | +             | Achar, morrer, ganhar (uma corrida), alcançar (o topo de uma montanha) |
| e-pontual               | -        | -      | +        | +           | +             | Pular (dar um pulo), atingir (o alvo)                                  |
| s-pontual               | -        | -      | +        | -           | +             | Impressionar-se, assustar-se   |

Fonte: Bertinetto (1986, 1991); Basso e Ilari (2004, p. 57- 60).

Como podemos perceber, o traço [ $\pm$ dinâmico] opõe eventos estativos aos não-estativos. O traço [ $\pm$ progressivo] divide a classe dos *e-pontuais* da dos *s-pontuais*. O traço [adjunto temporal] diferencia a classe dos continuativos da dos estativos permanentes; esse traço diferencia também os estativos permanentes dos estativos não-permanentes.

A caracterização do progressivo dada por Bertinetto (1991; 1997) pode ser resumida em dois pontos: (i) a de que o progressivo funciona como um “particularizador” de eventos, ou seja, um evento veiculado na fórmula progressiva faz referência a uma fase do evento em curso. Dito de uma outra maneira, ele focaliza um instante singular do evento; e (ii) a de que nada pode ser dito sobre o que está para além do ponto focalizado de um evento que é apresentado na forma progressiva.

Bertinetto (1986) propõe, a propósito do italiano, uma língua até certo ponto semelhante ao português em sua gramática do aspecto, a sub-categorização dos estativos mediante os traços [ $\pm$ controle] e [ $\pm$ mudança]. Os predicados estativos que possuem o valor [+mudança] aceitam a perífrase progressiva e recebem uma interpretação não-estativa.

A complexa relação entre a classe acional do estativo e a perífrase progressiva, apresenta, pelo menos, quatro sub-classes de estativos compatíveis com a perífrase na progressiva, que são: (i) verbos estativos que não permitem o uso da perífrase progressiva; (ii) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como um presente simples; (iii) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como predicados télicos; e, por fim, (iv) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como possuindo sentido transitório (BASSO; ILARI, 2004).

Os verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva são interpretados como possuindo sentido transitório. Isso não invalida, entretanto, a constatação de que o uso do imperativo com estativos depende do traço [ $\pm$  controle]. Os estativos que aceitam a forma do imperativo são precisamente aqueles aos quais pode ser atribuído o traço [+controle], ou seja, o sujeito (ou experienciador) do predicado em questão pode, voluntariamente, enquadrar-se naquilo que o predicado diz.

Apenas alguns estativos ficam bem com os adjuntos temporais, que dizem algo sobre a duração do evento em questão. Essas diferenças de compatibilidade apontam para uma subdivisão da classe dos estativos: estativos permanentes, que não combinam com adjuntos de duração, e estativos não-permanentes, que combinam com adjuntos de duração. Em português, um recurso até certo ponto confiável para marcar a oposição entre estativos permanentes e não-permanentes é o uso alternado da cópula *ser* e *estar* (BASSO; ILARI, 2004).

Assim, a divisão dos eventos como estativos deve ser feita em relação ao predicado como um todo, e não em relação apenas às palavras que constituem o núcleo semântico do predicado. Conforme Basso (2004), a propriedade de ser um verbo estativo não é uma categoria unitária, válida como um todo e aplicável em termos de sim ou não. Existem diferentes propriedades, dentro da classe maior da estatividade, que devem ser consideradas igualmente nessa classificação, tais como o traço [ $\pm$  mudança] e o traço [ $\pm$  controle], este último relativo à compatibilidade com o imperativo. Os traços presentes nos predicados tipicamente estativos e não-tipicamente estativos podem ser observados no quadro abaixo, desenvolvida por Basso (2004, p. 13), com base em Bertinetto (1986, 1991):

QUADRO 4 – Traços presentes nos predicados estativos segundo Basso (2004)

|            | [-controle]                   | [+controle]                   |
|------------|-------------------------------|-------------------------------|
| [-mudança] | (1) tipicamente estativos     | (2) não-tipicamente estativos |
| [+mudança] | (3) não-tipicamente estativos | (4) não-estativos             |

Fonte: Bertinetto (1986, 1991); Basso (2004, p. 13).

Como podemos observar, os verbos tipicamente estativos são incompatíveis com o imperativo e com a perífrase progressiva. Já os verbos não-tipicamente estativos permitem ou o uso do imperativo ou da perífrase progressiva, mas não ambos simultaneamente. Para Basso (2004), não se pode afirmar que apenas esses dois traços, [ $\pm$  controle] e [ $\pm$  mudança], sejam os responsáveis por todas as possibilidades efetivamente encontradas, embora eles pareçam fundamentais para a divisão da classe dos estativos.

Por fim, Basso e Ilari (2004), ressaltam que entre os predicados estativos e os adjuntos temporais há diferenças de compatibilidade, pois existem predicados estativos compatíveis com adjuntos de duração. O predicado estativos compatíveis com adjuntos de duração são os *estativos não-permanentes*, como em *João foi gordo por 5 anos, depois emagreceu*; já os predicados estativos que não são compatíveis com esse tipo de adjunto, são os *estativos permanentes*, como em *\*João foi alto por dois meses/Maria teve olhos castanhos por 3 anos*.

### 1.3 FECHAMENTO DO CAPÍTULO

No decorrer deste capítulo, buscamos referenciar as bases que norteiam esta pesquisa.

Primeiramente, situamos os verbos *parar* e *deixar*, que serão abordados no capítulo seguinte, como verbos aspectuais interruptivos de acordo com a Hierarquia dos núcleos funcionais de Cinque (1999, 2006). Mostrar por meio da Hierarquia proposta por Cinque que os verbos em questão são aspectuais interruptivos é importante para justificar o comportamento destes aspectuais quando figuram com complementos de natureza verbal, o que veremos mais à frente.

Posteriormente, citamos Rochette (1999) que analisa o comportamento dos aspectuais quando figuram com complementos de natureza verbal ou nominal. Este estudo ajuda a clarear como procederemos a análise dos verbos que nos propomos investigar. Em seguida, apresentamos noções de aspecto gramatical e aspecto lexical, sendo que para este estudo fizemos uso maior do aspecto lexical, no qual nos aprofundamos. Por meio do aspecto lexical, abordamos os pares básicos de valores do aspecto lexical que são: *estatividade* e *dinamicidade*; *telicidade* e *atelicidade*; *pontualidade* e *duratividade*, os quais são de suma importância para a análise das sentenças durante todo o desenvolvimento deste trabalho, pois por meio desses traços os predicados se assemelham ou se diferenciam e, assim, definem a categoria a qual pertencem.

Neste capítulo abordamos, também, as classes acionais propostas por Vendler (1967) e refinadas por Smith (1997) e Bertinetto (1991), como exemplificamos abaixo:

QUADRO 5 – Classes acionais propostas por Vendler (1967), Bertinetto (1986, 1991) e Smith (1997)

| Vendler (1967)        | Bertinetto (1991)                                    | Smith (1997)          |
|-----------------------|--|-----------------------|
| Atividades            | Continuativos  | Atividades            |
| Estados               | -Estativos permanentes<br>-Estativos não-permanentes | Estados               |
| <i>Accomplishment</i> | -Resultativos<br>-Incrementais                       | <i>Accomplishment</i> |
| <i>Achievement</i>    | -Transformativos<br>-e-pontuais<br>-s-pontuais       | <i>Achievement</i>    |
|                       |  | Semelfactivos         |

Fonte: Vendler (1967); Bertinetto (1986, 1991); Smith (1997).

Vale ressaltar que ambas as classificações serão abordadas nas análises dos verbos *parar* e *deixar* no capítulo seguinte e que toda a fundamentação teórica até aqui elaborada é fundamental para ancorar e validar este trabalho. Nossa pesquisa é norteada, primeiramente, pelas classes vendlerianas, contudo, os refinamentos feitos por Bertinetto (1986, 1991),



principalmente no que diz respeito à divisão dos estativos, e por Smith (1997), que inclui uma quinta classe aspectual, os *semelfactivos*, serão abordados e discutidos no decorrer das análises.

Assim, finalizamos este capítulo, que tem como objetivo situar nosso trabalho em relação à fundamentação teórica a ser seguida durante as análises. Neste capítulo, ainda, esclarecemos pontos fundamentais para esta pesquisa, como definição de traços semânticos e as classes acionais nas quais os verbos *parar* e *deixar*, que são os verbos pesquisados nesse trabalho, serão testados e discutidos em sentenças no PB. Seguiremos, então, para as análises dos verbos *parar* e *deixar* em sentenças do PB, em contextos sintáticos em que figuram com complementos de natureza verbal e de natureza nominal, objetivando depreender os diferentes significados que podem acionar de acordo com seus complementos.

## 2 ANÁLISE DOS VERBOS *PARAR* E *DEIXAR* COM COMPLEMENTOS P<sub>InfP</sub> E DP

Neste capítulo, analisamos os verbos *parar* e *deixar* com complementos infinitivos preposicionados [InfP] e com complementos DPs. Nosso objetivo é investigar o comportamento desses verbos com diferentes complementos, bem como identificar as possíveis diferenças de sentido geradas em cada uma dessas estruturas. Nossa hipótese é a de que *parar* e *deixar* adquirem conotação de interrupção de evento em sentenças com complementos infinitivos, como propõem Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006). De acordo com esses autores, os aspectuais subcategorizam apenas complemento de natureza verbal. Nessa perspectiva de análise, *parar* e *deixar* assumiriam conotação aspectual apenas em construções com um infinitivo ou com um DP derivado de verbo na posição de seu complemento. Em construções com um DP nato na posição de complemento, tais verbos não expressariam ideia de interrupção de evento. Isso porque os verbos aspectuais constituem predicados funcionais (conforme RIZZI, 1982; BURZIO 1986; CINQUE 2006; entre outros.). Conforme abordamos no capítulo anterior, esses predicados se caracterizam por não selecionarem argumentos, uma vez que não atribuem papel temático. Eles figuram com um elemento de natureza verbal na posição de seu complemento, o qual pode assumir a forma infinitiva, gerundiva ou participial. Quando, entretanto, um verbo figura com um DP na posição de seu complemento, é candidato a verbo lexical, uma vez que DPs são sintagmas que funcionam prototipicamente como argumentos, requerendo papel temático e marcação de Caso.

Em relação ao emprego de *parar* e *deixar* como predicados aspectuais, consideremos as sentenças a seguir:

- (19) a. Pedro parou/deixou de ler o livro.  
b. Pedro parou/deixou de pintar a casa.  
c. Maria parou/deixou de correr na praça.  
d. Joana parou/deixou de trabalhar.

Nas sentenças em (19a) e (19b), temos exemplos de *parar* e *deixar* com predicados de *accomplishment*; em (19c) e (19d), esses verbos formam sequência com predicados de atividade. Podemos perceber que, com predicados de *accomplishment*, *parar* indica interrupção de um único evento; já com predicados de atividade, esse verbo assume uma conotação de interrupção de uma série de eventos de mesma natureza. O verbo *deixar*, quando se combina com

*accomplishments*, torna-se ambíguo, podendo acionar uma leitura de interrupção de uma série de eventos, ou, então, de não-realização do evento. Esta última só está disponível para o verbo *deixar*, podendo estar relacionada ao emprego do verbo *deixar* como um operador de negação, aspecto que será abordado na sequência do trabalho. Quando *deixar* figura com predicados de atividades, aciona uma leitura de interrupção de uma série de eventos, à semelhança de *parar*.

A partir deste ponto, passamos à análise de *parar* e *deixar* com complementos InfP e DPs. Na seção 2.1, abordamos o verbo *parar*, inicialmente com complemento InfP, em 2.1.1, e na sequência, com complemento DP, em 2.1.2. Na seção 2.2, abordamos o verbo *deixar*, com complemento PInfP, em 2.2.1; e com complemento DP, em 2.2.2.

## 2.1 PARAR

O verbo *parar* é classificado, na literatura linguística, como um aspectual interruptivo. Nesta seção, apresentamos os contextos sintáticos em que *parar* pode aparecer; assim, buscamos investigar nossa hipótese de que esse verbo está associado à noção de interrupção de evento em todos os seus empregos, ou seja, quando figura com um verbo ou com um nome na posição de seu complemento. Inicialmente, na subseção 2.1.1, analisamos *parar* com complemento InfP. Esse verbo será investigado com base no seu comportamento em relação às classes vendlerianas, considerando as reformulações propostas por Smith (1997) e Bertinetto (1991), apresentadas ao longo do primeiro capítulo. Na sequência, subseção 2.1.2, analisamos *parar* com complemento DP, considerando tanto DPs provenientes de nominalizações quanto DPs considerados natos, ou seja, sem correspondência com forma verbal.

### 2.1.1 *Parar* com complemento InfP

Nesta seção, analisamos o comportamento de *parar* em relação às classes acionais com as quais forma sequência. Nessa análise, objetivamos verificar se esse verbo se comporta diferentemente com cada uma das classes acionais em relação ao sentido que expressa ou, ainda, às restrições – semânticas e aspectuais – à posição de seu complemento. O texto está organizado de forma a apresentar, inicialmente, a análise de *parar* com predicados de estados, seção 2.1.1.1; em segundo, com predicados de atividade, seção 2.1.1.2; em terceiro, com predicados de *accomplishment*, seção 2.1.1.3; em quarto, com predicados de *achievement*, seção 2.1.1.4; e, por fim, o comportamento de *parar* em construções com predicados *semelfactivos*, seção

#### 2.1.1.5.

##### 2.1.1.1 Parar com predicados de estado

Como vimos no capítulo anterior, os estados têm como característica não serem agentivos. São predicados atélicos, durativos e homogêneos. Assim, seus traços determinantes são [+ estativos] ou [-dinâmicos]; [-pontuais] ou [+durativos] e [-télicos]. Com objetivo de investigar o comportamento de *parar* em construções com predicados estativos, consideremos as sentenças que seguem:

- (20) a. Pedro parou de ser inseguro.  
b. Pedro parou de amar Maria.  
c. \*Pedro parou de ser casado com Maria.  
d. \*Pedro parou de saber matemática

As sentenças em (20) sugerem que *parar* forma sequência com predicados estativos apenas quando estes exibem o traço [+mudança], como em *ser inseguro*, em (20a), e *amar Maria*, em (20b). A agramaticalidade de (20c) e (20d) revela que *parar* oferece restrições a predicados estativos [-mudança], como *ser casado (com Maria)* e *saber matemática*. Por exemplo, se é verdade que *Pedro sabe matemática*, também é verdade que ele continuará sabendo matemática, não sendo este um estado transitório, não sendo possível a interrupção ou mudança. Conforme Bertinetto (1991) e Basso e Ilari (2004), os estativos parecem mesmo se combinar melhor com predicados marcados com o traço [+mudança], oferecendo restrições aos demais estativos. A seguir, apresentamos sequências de *parar* com predicados tipicamente estativos apenas:

- (21) a. \*Pedro parou de ser baixo.  
b. \*Pedro parou de ter olhos castanhos.  
c. \*Pedro parou de ser brasileiro.

Nas sentenças (21a), (21b) e (21c), observa-se, novamente, que os predicados tipicamente estativos não são possíveis com *parar*. *Ser baixo* e *ter olhos castanhos* são características de *Pedro* que não são passíveis de mudança; esses predicados não exibem, portanto, o traço [+mudança], requerido pelos aspectuais indicadores de interrupção de evento. Logo, *parar* parece, de fato, oferecer restrições a predicados tipicamente estativos, formando sequência apenas com predicados [+mudança].

### 2.1.1.2 Parar com predicados de atividade

As atividades têm como característica serem agentivas, designarem processos que se desenvolvem no tempo; esses predicados são, portanto, durativos, dinâmicos e atéticos (VENDLER, 1967; SMITH, 1997). A seguir, ilustramos o emprego de *parar* em construções com predicados de atividades:

- (22) a. Pedro parou de correr todos os dias.  
b. Pedro parou de estudar todas as manhãs.

Em (22a) e (22b), *parar* indica interrupção dos eventos *correr* e *estudar*, respectivamente. A partir da sentença (22a), podemos inferir que *Pedro* não corre mais *todos os dias*, mas não podemos afirmar que *Pedro não corra mais*. (22a) não indica a interrupção ou abandono do evento *correr* e sim uma alteração na frequência de sua realização. A mesma análise pode ser estendida à sentença (22b). É importante observar que, nessas sentenças, apenas a leitura de interrupção de uma série de eventos da mesma natureza está disponível para o verbo *parar* (LAMIROY, 1987). A análise de interrupção de evento é ratificada pela possibilidade de inserção, nessas sentenças, do sintagma adverbial *por x tempo*, conforme ilustrado a seguir:

- (23) a. Pedro parou de correr por 15 minutos.  
b. Pedro parou de estudar por 5 anos.

Como se verifica nas sentenças em (23), os predicados de atividades podem se combinar com sintagmas adverbiais *por x tempo*, indicando interrupção de evento (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 214).

Observamos agora o que ocorre quando o aspectual interruptivo *parar* figura com predicados de atividades acompanhados de sintagmas adverbiais do tipo *em x tempo*:

- (24) a. Pedro parou de escrever em 15 minutos.  
b. Pedro parou de trabalhar em 15 minutos.

As sentenças em (24) mostram que a expressão *em X tempo* pode se combinar com predicados de atividade. Observamos, porém, que nas sentenças acima, o verbo *parar* com o complemento infinitivo preposicionado não figura interrupção, mas parece indicar o término

do evento. Uma possível explicação para o verbo *parar* com predicado de atividades combinando com a expressão *em X tempo* não indicar aspecto interruptivo, pode ser porque essa expressão adverbial indica *em quanto tempo* determinado evento foi realizado, requerendo, por isso, o traço [+télico], ausente nas atividades (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 214-215). Nesse caso, nas sentenças em (24), o verbo *parar* demonstra continuar sendo um verbo aspectual, porém, figura aspecto terminativo e não o aspecto interruptivo, como na maioria dos casos.

A sentença (24b), por exemplo, se contextualizada, pode indicar aspecto interruptivo ou terminativo. Em *Pedro começou a cortar a grama, as sempre desanima. Parou de trabalhar em 15 minutos*, nesse caso, podemos interpretar essa sentença como interruptiva. Já em *Pedro é rápido para cortar a grama. Parou de trabalhar em 15 minutos*, nesse caso, a sentença figura como terminativa. Esses dados parecem apontar que o verbo *parar* apresenta ambiguidade aspectual em determinadas sentenças.

Assim, expressão adverbial *por X tempo* é uma expressão possível com aspectuais interruptivos por permitir também indicar o tempo durante o qual um evento foi interrompido, como em *Chico Buarque parou de compor por alguns meses*. A expressão *por X tempo* requer, necessariamente, eventos com o traço [+durativo], necessário para descrever o período durante o qual o evento foi realizado ou interrompido, mas não exige a manifestação do traço [+télico]. Este é requerido pela expressão *em X tempo*, que indica em quanto tempo determinado evento foi realizado, em quanto tempo foi atingido o seu ponto télico.

### 2.1.1.3 Parar com predicados de accomplishment

Os *accomplishments*, de acordo com Vendler (1967), são processos compostos por estágios sucessivos. Eles se caracterizam como predicados durativos e télicos. O traço [+télico] é o que os diferencia dos predicados de atividade. As sentenças a seguir ilustram a combinação de *parar* com predicados de *accomplishment*:

- (25) a. Pedro parou de ler o livro.  
b. Pedro parou de escrever o poema.

Nas sentenças (25a) e (25b), podemos observar que houve a interrupção dos eventos *ler o livro* e *escrever o poema*, respectivamente. O verbo *parar*, quando forma sequência com predicados de *accomplishment*, parece indicar a interrupção de um único evento, comportando-se diferentemente do que com predicados de atividade, em que demarca a interrupção de uma

série de eventos da mesma natureza (LAMIROY, 1987). Sentenças como (25) admitem a inserção de sintagmas adverbiais como *por X tempo*, conforme (26):

- (26) a. Pedro parou de ler o livro por 15 minutos.  
b. Pedro parou de escrever o poema por 1 hora.

As sentenças em (26a) e (26b) mostram que *accomplishments* se combinam com sintagmas adverbiais do tipo *por x tempo*. O verbo *parar* indica, nestes casos, o tempo durante o qual os eventos *ler o livro* e *escrever o poema* foram interrompidos. *Accomplishments* parecem, entretanto, não se combinar da mesma forma com sintagmas adverbiais do tipo *em x tempo*, no que se refere ao sentido de depreendem, como podemos observar nas sentenças em (27), a seguir:

- (27) a. Pedro parou de ler o livro em 15 minutos.  
b. Pedro parou de escrever o poema em 1 hora.

De acordo com Wachowicz e Foltran (2006, p.214) *accomplishments* tomam sintagmas adverbiais do tipo *em x tempo* e, só excepcionalmente, sintagmas do tipo *por x tempo*, salientando que atividades permitem advérbios *por x tempo*, pois as atividades são [+durativas] e [-téticas], por essa razão, combinam-se com sintagmas adverbiais *por x tempo*. Nas sentenças acima, o verbo *parar* parece acionar uma leitura de verbo terminativo e não interruptivo.

A leitura acionada nas sentenças (27a) e (27b) seriam semelhantes ao sentido acionado em *Pedro acabou/terminou de ler o livro em 15 minutos / Pedro acabou/terminou de escrever o poema em 1 hora*. Nesse caso, existe uma mudança aspectual do verbo *parar*, pois, na maioria dos casos, *parar* aciona uma leitura interruptiva. Outro exemplo que favorece nossa hipótese de que *parar* com predicados de *accomplishments* combinados com *em X tempo* aciona uma leitura terminativa é *Eu parei de assar o bolo em 40 minutos, estava pronto!* Nesse caso, somente uma leitura terminativa parece ser possível.

De acordo com nossos dados, tanto os *accomplishments* quanto as atividades com o verbo *parar* em sentenças perifrásticas, parecem se combinar bem com sintagmas adverbiais *por x tempo*, acionando uma leitura de interrupção de evento, mas se diferem quando o sintagma adverbial for *em x tempo*, pois com predicados de atividades e com predicados de *accomplishments* formam sentenças que acionam uma leitura terminativa.

#### 2.1.1.4 Parar com predicados de achievement

Os *achievements* e os *accomplishments* possuem algumas características em comum, como a telicidade, por exemplo. Entretanto, diferem no que se refere ao traço pontualidade. Os *accomplishments* são predicados durativos, e os *achievements* são pontuais, ou seja, predicam sobre momentos de tempo único, não se desenvolvendo no tempo. Assim, os traços característicos dos predicados de *achievement* são [-estativos] ou [+dinâmicos]; [+pontuais] ou [-durativos] e [+télicos] (VENDLER, 1967). Com base nesses dados, observemos as sentenças a seguir, que ilustram a combinação do aspectual interruptivo *parar* com predicados de *achievement*:

- (28) a. \*Joana parou de quebrar o copo.  
b. \*Joana parou de estourar o balão.

A agramaticalidade de (28a) e (28b) revela que *parar* oferece restrições a *achievements* na posição de seu complemento. Isso ocorre, provavelmente, por *achievements* descreverem eventos instantâneos [-durativos], não podendo, por isso, ser interrompidos.

De acordo com Lamiroy (1987), há estratégias que legitimam um *achievement* na posição de complemento dos aspectuais. O exemplo (29), a seguir, ilustra o emprego de duas dessas estratégias: NPs genéricos e Nominal Nu ou plurais, respectivamente:

- (29) a. Pacientes pararam de morrer nos hospitais em Chapecó.  
b. Maria parou de quebrar copo/copos.

Tanto em (29a) quanto em (29b), a interpretação gerada é a de interrupção de uma série de eventos de mesma natureza, e não a interrupção de um único evento. Em (29a), o uso do NP genérico legitima o predicado de *achievement* na posição de complemento, pois o uso do genérico “pacientes” e “hospitais” engloba um número indeterminado de pessoas e de mais de um hospital da cidade referida. Se a sentença estivesse no singular ou se apresentasse o uso de determinante seria agramatical, como observamos em \**O paciente parou de morrer no hospital em Chapecó*, pois estaria se referindo a um determinado paciente e local em específico e o evento de “morrer” não comporta interrupção.

Na sentença em (29b), o uso do Nominal Nu ou plural geram o efeito de serialização de eventos (LAMIROY, 1987), o que legitima a sentença, tornando-a gramatical, ao contrário do que podemos observar em (28a), que predicava sobre um copo em específico e o ato de



quebrar o copo é pontual e télico, portando, não é possível com o verbo *parar*, tornando (28a) agramatical por não ser possível de interrupção.

#### 2.1.1.5 Parar com predicado *semelfactivo*

Os *semelfactivos*, segundo Smith (1997), têm como característica serem [- estativos] ou [+dinâmicos]; [-durativos] e [-télicos]. O traço que diferencia os *achievements* dos *semelfactivos* é a telicidade, pois *achievements* são [+télicos], enquanto os *semelfactivos* são [-télicos]. Smith (1997) caracteriza essa classe como *eventos de um único estágio sem algum resultado ou mudança*. Em (30), ilustramos a combinação do aspectual interruptivo *parar* com predicados *semelfactivos*:

- (30) a. João parou de tossir.  
b. O pássaro parou de bater suas asas.

Nos exemplos acima, com o verbo *parar*, os predicados *semelfactivos* apontam para eventos únicos, mas que, por sua natureza, são passíveis de repetição, ou seja, podem ocorrer mais de uma vez, mas, mesmo assim, são eventos únicos. Os *semelfactivos* combinam com o aspectual *parar* com a conotação de interrupção de evento justamente por esses predicados descreverem eventos únicos. As eventualidades em (30a) e (30b) podem ocorrer uma única vez, porém, são mais frequentes em sequência.

Quando os *semelfactivos* apresentam algum tipo de duratividade, ou seja, quando ocorrem de maneira repetitiva, Smith (1997) os classifica como atividade de múltiplos eventos. As atividades de múltiplos eventos, normalmente vêm marcadas por um advérbio temporal, o que, segundo a autora, acionaria a leitura repetitiva, como em *João bateu na porta por 5 minutos*. Nota-se, que o verbo *parar* com predicados de atividades de múltiplos eventos, como em *João parou de tossir por 5 minutos/ Maria parou de bater na porta por 5 minutos*, figura interrupção se uma série de eventos da mesma natureza.

#### 2.1.2 Parar com complemento DPs

O verbo *parar* parece denotar interrupção de evento em quase todos os seus empregos, tanto com complemento PInfP quanto com complemento DP, derivado ou não de verbo. O traço determinante para que um sintagma ocupe a posição de complemento do aspectual *parar* parece

ser [+processo], traço requerido não apenas por *parar*, mas pelos aspectuais de forma geral. Esse traço está presente nos verbos, por isso *parar* forma sequência com infinitivos preposicionados (PInfP). Conforme Rochette (1999), o traço [+processo] é passado dos verbos aos nomes em casos de nominalizações deverbais, por isso *parar* forma sequência com DPs correspondentes a verbo. Quando *parar* figura com um DP nato, que não apresenta correspondência com formas verbais, na posição de seu complemento, Rochette (1999) e Cinque (2006) supõem, em seus estudos com verbos aspectuais, que há um infinitivo implícito na estrutura; logo, o traço [+processo] também estaria presente nessas construções. As sentenças em (29) mostram a combinação do aspectual *parar* com um PInfP, um DP deverbal e um DP não-correspondente a verbo, respectivamente:

- (31) a. Pedro parou de ler o livro.  
b. Pedro parou a leitura do livro.  
c. Pedro parou a dieta.

Em (31a), temos um exemplo de *parar* formando sequência com um complemento infinitivo preposicionado explícito na estrutura: *de ler o livro*; este, como toda a forma verbal, exhibe o traço [+processo], requerido pelo aspectual. Em (31b), temos a forma nominalizada desse infinitivo: *a leitura do livro*, que, por isso, exhibe igualmente o traço [+processo], não devendo ser considerado um DP nato (ROCHETTE, 1999). Já a sentença (31c) parece ter um infinitivo implícito na estrutura e pode ser interpretada como *Pedro parou de fazer/seguir a dieta*. Este não se caracteriza, portanto, como um exemplo de DP nato na posição de complemento do aspectual interruptivo, pois um verbo infinitivo está pressuposto na estrutura da sentença.

#### 2.1.2.1 Parar com nominalizações deverbais

Quando um verbo sofre o processo de nominalização, ele passa ao nome correspondente o traço [+ processo], requerido pelos aspectuais (ROCHETTE, 1999). Os exemplos a seguir ilustram a combinação de *parar* apenas com DPs resultantes de um processo de nominalização:

- (32) a. Joana parou a corrida.  
b. O mecânico parou o conserto do carro.  
c. Os empregados pararam o trabalho por 30 minutos.  
d. O cinegrafista parou a filmagem ao meio-dia.

Em (32), todos os DPs que ocupam a posição de complemento do aspectual *parar* exibem o traço [+processo], presente no predicado do qual derivam, e o verbo *parar* figura interrupção de evento em todas as sentenças em (32).

#### 2.1.2.2 Parar com DPs natos

Quando nos deparamos com sentenças em que o aspectual *parar* forma sequência com DPs natos, podemos estar diante de duas situações. A primeira delas é que o verbo *parar* pode selecionar um complemento infinitivo, implícito na estrutura, dando a impressão de que o aspectual figura, de fato, com um DP na posição de seu complemento. A segunda situação é quando não se pode inferir um infinitivo na estrutura. As sentenças em (33) ilustram o primeiro caso:

- (33) a. Maria parou a dieta.  
b. O professor parou a aula.  
c. O motorista parou o ônibus na faixa de segurança.

As sentenças em (33) nos permitem supor um infinitivo implícito no domínio encaixado: em (33a), o sentido parece ser o de que *Maria parou de fazer/seguir a dieta*; em (33b), parece ser o de que *O professor parou de ministrar a aula*; e, em (33c), parece ser o de que *O motorista parou de conduzir/pôr o ônibus em movimento em um determinado ponto – a faixa de segurança*. Em todos os casos, o verbo *parar* expressa interrupção de evento.

O segundo caso citado refere-se à restrição do aspectual *parar* a DPs natos, em que não se pode inferir um infinitivo na estrutura da sentença. Observemos as sentenças que seguem:

- (34) a. ?O marido parou a esposa.  
b. \*O filho parou a casa dos pais.

As sentenças em (34) não são bem formadas no PB. Em (34a), a sentença pode ser entendida como *O marido deteve a esposa*, o que torna a sentença gramatical, mas não possibilita inferir um verbo implícito em sua estrutura. Em (34b), temos uma sentença agramatical. Isso ocorre, provavelmente, porque não se pode inferir facilmente um infinitivo em construções semelhantes a essa, pois essas sentenças necessitariam de um contexto para que isso fosse possível e, sem a expressão de um evento, *parar* não pode indicar aspecto interruptivo. Para que acione a leitura aspectual, *parar* requer o traço [+processo] na posição

de seu complemento; quando este não está disponível, como ocorre nas sentenças em (34b), o resultado é a agramaticalidade da sentença.

O verbo *parar*, quando figura com DPs não correspondentes a verbos (DPs natos), mas que exibem o traço [+processo] e que envolvem tempo, estágios, também figura interrupção de evento, como é o caso de *A tempestade parou*. Isso parece ser recorrente com outros fenômenos da natureza (*A ventania/a chuva parou*) e gerar uma leitura aspectual do verbo *parar*.

Pelos dados investigados ao longo desta seção, parecem apontar que o verbo *parar*, na maioria dos casos, assume uma conotação de interrupção de evento quando se combina com PInfPs, DPs deverbais ou, ainda, em contextos com infinitivo implícito na estrutura. Em todos esses casos, o traço [+processo] se manifesta na posição de seu complemento, satisfazendo as restrições de seleção impostas por *parar*. Em nossas análises, observamos que o verbo *parar*, ao contrário da nossa segunda hipótese, não figura somente interrupção de evento, figurando, também, aspecto terminativo quando figura com predicados de atividades e de *accomplishments* em sentenças com a expressão adverbial *em X tempo*. Quando, porém, *parar* forma sequência com DPs natos que não manifestam o traço [+processo], o resultado são sentenças malformadas no PB.

## 2.2 DEIXAR

O verbo *deixar*, à semelhança de *parar*, constitui um aspectual de interrupção do evento. Entretanto, essa noção está disponível para *deixar* apenas quando um infinitivo preposicionado [PInfP] ocupa a posição de seu complemento. Quando *deixar* figura com um complemento DP, mesmo deverbal, parece não acionar a interpretação de aspecto interruptivo. Essas hipóteses serão examinadas ao longo desta seção. O exemplo a seguir ilustra o emprego de *deixar* com complemento PInfP, em (35a), e DPs, em (35b) e (35c):

- (35) a. Pedro deixou de digitar o trabalho.  
b. Pedro deixou a esposa.  
c. Pedro deixou o filho na escola.

Em (35a), o verbo *deixar* seleciona somente argumento interno e subcategoriza um complemento de natureza verbal, ao qual não oferece restrições de natureza semântica, por não atribuir papel temático. Nessa sentença, *deixar* está sendo empregado como predicado funcional, indicando aspecto interruptivo.

Em (35b), o verbo *deixar* seleciona dois argumentos, um externo e um interno, e os marca tematicamente. Nesse caso, *deixar* adquire sentido de “separação ou afastamento de algo ou de alguém” (TRAVAGLIA, 2007, p. 15) e está sendo empregado como um predicado lexical.

Em (35c), *deixar* também figura com um DP na posição de seu complemento e seleciona três argumentos, um externo e dois internos, marcando-os com papéis temáticos. Nesse caso, o verbo *deixar* adquire um sentido de “colocar em ou levar a (algum lugar)” (TRAVAGLIA, 2007, p. 15) e assume igualmente um emprego de predicado lexical.

As sentenças em (35) sugerem que *deixar* constitui um aspectual interruptivo, à semelhança de *parar*, apenas quando figura com complemento de natureza verbal. *Deixar* pode, entretanto, expressar outras noções quando figura com DPs na posição de complemento, o que parece não ocorrer com o verbo *parar*, que expressa aspecto interruptivo em todos os seus empregos, conforme nossa hipótese. A partir deste ponto, passamos a examinar o emprego do verbo *deixar*, no português brasileiro, em contextos em que figura com complementos de natureza verbal, e nominal.

### **2.2.1 *Deixar* com complemento InfP**

Nesta seção, analisamos como o verbo *deixar* se comporta em relação ao aspecto do predicado na posição de seu complemento. Para esta análise, nos baseamos em Vendler (1967), Smith (1997) e Bertinetto (1991). Em primeiro lugar combinamos *deixar* com predicados de estado, seção 2.2.1.1; em segundo, com predicados de atividade, seção 2.2.1.2; em terceiro, com predicados de *accomplishment*, seção 2.2.1.3; na sequência, com predicados de *achievement*, seção 2.2.1.4; e, por fim, com predicados *semelfactivos*, seção 2.2.1.5.

#### *2.2.1.1 Deixar com predicados de estado*

Para analisarmos o verbo *deixar* com predicados de estado, nos ancoramos nas principais características desses predicados, que são: [+estativos] ou [-dinâmicos]; [-pontuais] ou [+durativos] e [-têlicos] (VENDLER, 1967). Observemos as sentenças dos exemplos a seguir, em que *deixar* está formando sequência com predicados tipicamente estativos, marcados com os traços [-mudança] e [-controle], em (34), e com predicados não-tipicamente estativos, marcados com os traços [+mudança] e [-controle], em (36):

- (36) a. \*Pedro deixou de ter olhos castanhos.  
b. \*Maria deixou de ser alta.
- (37) a. Pedro deixou de ser inseguro.  
b. Pedro deixou de amar Maria.

A agramaticalidade das sentenças em (36) sugere que *deixar* oferece restrições a predicados **tipicamente estativos**, como *ter olhos castanhos* e *ser alta*. Já a boa formação das sentenças do exemplo (37) revela que *deixar* se combina com predicados **não-tipicamente estativos**, como *ser inseguro* e *amar Maria*. Esses dados revelam que o verbo *deixar*, indicador de aspecto interruptivo, seleciona um complemento que exiba, necessariamente, o traço [+mudança], ausente nos predicados tipicamente estativos, o que os diferencia de todas as demais classes acionais (BERTINETTO, 1991; BASSO; ILARI, 2004). Cabe observar, entretanto, que o verbo *deixar* parece comportar-se diferentemente de *parar* em relação a alguns predicados não-tipicamente estativos, como podemos observar nas sentenças abaixo:

- (38) a. Joana deixou de ser gorda/ ser casada.  
b. \*Carlos parou de ser gordo/ ser casado.  
c. Deixe de ser brava!  
d. Pare de ser brava!

A diferença de gramaticalidade entre as sentenças (38a) e (38b) está, provavelmente, relacionada ao traço [+mudança]: *deixar* se combina com predicados não-tipicamente estativos, passíveis de mudança, como *ser gordo*, *ser casado*; já *parar* oferece restrições a esses predicados. Nesses casos, *deixar* parece acionar uma leitura de mudança de uma condição, em que *Joana era gorda e não é mais*, ou *abandono de determinada situação*, em que *Joana estava casada e não está mais*. Essas interpretações não estão disponíveis para o verbo *parar*, que parece acionar apenas uma leitura de interrupção de evento. Em (38d), a gramaticalidade da sentença parece estar associada ao traço [+mudança], pois “pare de ser brava” indica que anseia-se que ela saia de um estado de ser brava para ser calma, o que também ocorre com tipos de sentimentos como *parou de amar/ parou de ser inseguro*. Quando o predicado encaixado não é compatível com a noção de aspecto interruptivo – como *ser gordo* e *ser casado* –, o resultado é a má-formação da sentença com verbo que aciona apenas essa interpretação, como *parar* em (38b).

### 2.2.1.2 Deixar com predicados de atividade

Acreditamos que *deixar*, quando forma sequência com predicados de atividade, expressa interrupção de uma série de realizações de um mesmo evento, ou seja, gera o efeito de serialização (LAMIROY, 1987). Os predicados de atividades têm como características serem agentivos, designarem processos que se desenvolvem no tempo, sendo, portanto, durativos, dinâmicos e atéticos. Os traços característicos desses predicados são [-estativo] ou [+dinâmico]; [-pontual] ou [+durativo] e [-tético] (VENDLER, 1967). Observemos agora o verbo *deixar* formando sequência com predicados de atividades:

- (39) a. Pedro deixou de visitar os amigos.  
b. Pedro deixou de correr.

Nas sentenças em (39), o verbo *deixar* indica interrupção dos eventos *visitar os amigos* e *correr*, respectivamente. A sua leitura aspectual parece associar-se à ideia de interrupção de uma série de eventos da mesma natureza (LAMIROY, 1987), os quais Pedro realizava com certa frequência. Cabe observar, entretanto, que uma segunda interpretação pode ser associada ao verbo *deixar* nas sentenças em (39), o que as torna ambíguas. *Deixar* pode indicar, ainda, que o evento **não ocorreu**, ou seja, Pedro *não visitou os amigos/não correu*.

A leitura de interrupção de evento, acionada por *deixar*, fica evidenciada pela possibilidade de combinação desse verbo com sintagmas adverbiais do tipo *por x tempo*, conforme ilustrado a seguir:

- (40) a. Pedro deixou de visitar os amigos *por três meses*.  
b. Pedro deixou de correr *por dois anos*.

Em (40), com a presença da expressão adverbial *por X tempo*, apenas a leitura de aspecto interruptivo está disponível para o verbo *deixar*. Como consequência, as sentenças não são ambíguas, como as do exemplo (39), em que não há informações sobre o período de tempo em que foi interrompida a sequência de realizações de um evento de mesma natureza. Vejamos, a seguir, como *deixar* se comporta quando figura em sentenças com predicados de atividades, acompanhados de sintagmas adverbiais do tipo *em x tempo*:

- (41) a. Pedro deixou de visitar os amigos *em três meses*.  
b. Pedro deixou de correr *em 15 minutos*.

As sentenças em (41a) parece mostrar que o verbo *deixar*, à semelhança do verbo *parar*, também pode acionar uma leitura terminativa com expressões adverbiais *em X tempo*. O aspecto terminativo, nesse caso, pode ser acionado pelo motivo dos predicados de atividade serem atélicos e o sintagma adverbial *em X tempo* expressar o período de tempo em que um evento foi concluído, requerendo, por isso, além do traço [+durativo], o traço [+télico]. Observamos que em (41a), podemos interpretar a sentença em que *Pedro* foi visitar os amigos e em três meses decidiu não retornar mais, cortando relações, ou ainda, que esse foi o tempo necessário para que visitasse todos os amigos e esse evento fosse concluído. Em (41b), a leitura acionada pelo verbo *deixar* parece ser de interrupção de evento, em que Pedro teria suspenso a corrida depois de passado 15 minutos.

### 2.2.1.3 *Deixar com predicados de accomplishment*

Os predicados de *accomplishments*, de acordo com Vendler (1967), são processos compostos por estágios sucessivos, são durativos e télicos, ou seja, se encaminham para um ponto final determinado, sendo o traço [+télico] o que diferencia os *accomplishments* das atividades. O verbo *deixar* com predicados de *accomplishment* parece ser ambíguo, podendo expressar interrupção de um único evento, ou a não-realização do evento, como podemos observar em (42):

- (42) a. Pedro deixou de escrever o poema.  
b. Carlos deixou de ler o livro.  
c. O menino deixou de colorir o desenho.

As sentenças em (42) nos permitem supor que *deixar*, à semelhança do verbo *parar*, aciona uma leitura de interrupção de um único evento. Porém, *deixar* parece acionar também uma leitura de não-realização do evento, conforme: *Pedro não escreveu o poema; Carlos não leu o livro e O menino não coloriu o desenho*. Esta leitura não está disponível para o verbo *parar*, que se restringe a expressar interrupção do evento, conforme vimos argumentando.

Entretanto, *deixar*, acompanhado de predicados de *accomplishment*, como *limpar a casa*, parece gerar uma leitura ambígua. A primeira leitura é a de interrupção de uma série de eventos da mesma natureza (da mesma forma que ocorre com os predicados de atividade) e não interrupção de um único evento, como vimos nos exemplos acima; e a segunda leitura que a sentença nos possibilita é a de não realização do evento, em que *Pedro não limpou a casa*;



*Joana não passou a roupa e Carlos não arrumou a casa.* Conforme exemplificamos em (43):

- (43) a. Pedro deixou de limpar a casa.  
b. Joana deixou de passar roupa.  
c. Carlos deixou de arrumar a casa.

Uma possível explicação para esses casos seria a natureza desses predicados, que descrevem eventos que, mesmo depois de concluídos, precisam ser realizados novamente, desde o início. Pois é natural *limpar a casa*, *arrumar a casa*, *passar roupa* várias vezes durante a semana, já ler um livro, por exemplo, pode ser feito apenas uma única vez ao longo da vida. Os exemplos (44) e (45), a seguir, mostram *deixar* formando sequência com *accomplishments* em sentenças com sintagmas adverbiais do tipo *por x tempo* e *em x tempo*, respectivamente:

- (44) a. Pedro deixou de escrever o poema por 15 minutos.  
b. Carlos deixou de ler o livro por uma semana.
- (45) a. Pedro deixou de escrever o poema em 15 minutos.  
b. Carlos deixou de ler o livro em uma semana.

A boa formação das sentenças em (44) mostra que *deixar* forma sequência com predicados de *accomplishment*, que exibem o traço [+durativo], podendo, por isso, ser interrompidos. A ocorrência das expressões *por 15 minutos*, em (44a), e *por uma semana*, em (44b), indicam o tempo durante o qual esses eventos foram interrompidos. As sentenças em (45), também indicam interrupção do evento, porém, ao contrário da expressão *por X tempo* que aponta o tempo da interrupção, a expressão *em X tempo* indica o momento em que a interrupção foi iniciada, ou seja, *Pedro* iniciou a escrita do poema e após 15 minutos desistiu, interrompendo o ato de escrever, e que *Carlos* começou a ler o livro e em uma semana interrompeu a leitura, abandonando-o.

#### 2.2.1.4 *Deixar com predicados de achievement*

Os predicados de *achievements* são [-estativos] ou [+dinâmicos]; [+pontuais] ou [-durativos] e [+télicos] (VENDLER, 1967). Com base nessa descrição, observemos as sentenças a seguir, em que *deixar* forma sequência com predicados de *achievement*<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Nas sentenças (44a) e (44b), a leitura gerada não é de aspecto, mas possibilita uma leitura de negação em que *Joana quase quebrou o copo*, mas que por algum motivo não quebrou e que *Joana deixou de estourar o balão*

- (46) a. ?Joana deixou de quebrar o copo.  
b. ?Joana deixou de estourar o balão.

Podemos perceber, nas sentenças acima, que o verbo *deixar* com leitura aspectual parece apresentar restrições a predicados de *achievements*. Essa restrição está relacionada, possivelmente, ao fato de *achievements* constituírem eventos instantâneos que, por serem [-durativos], não podem ser interrompidos.

Conforme já foi observado, há estratégias que legitimam um *achievement* na posição de complemento dos aspectuais (LAMIROY, 1987). O emprego de NPs genéricos constitui uma dessas estratégias. Outro fenômeno que parece gerar o mesmo efeito é o uso do Nominal Nu. As sentenças em (47) ilustram cada um desses recursos linguísticos:

- (47) a. *Pacientes* deixaram de morrer nos hospitais em Chapecó.  
b. Maria deixou de quebrar *copos/copo*.

Tanto em (47a) quanto em (47b), a interpretação gerada é a de interrupção de uma série de eventos de mesma natureza, e não a interrupção de um único evento. Com predicados de *achievement*, *deixar* pode, ainda, gerar o sentido de negação, além do de interrupção de evento. Observemos os exemplos abaixo:

- (48) a. Pedro deixou de bater o carro.  
b. Pedro deixou de trancar o portão.

As sentenças em (48) podem significar que Pedro *bateu o carro/trancou o portão* várias vezes no passado e que, a partir de uma data específica, Pedro não realizou mais esses eventos, interrompendo a realização de uma série de eventos da mesma natureza. Cabe ressaltar que esses eventos são recorrentes, por isso, podem ter sua série interrompida e retomada, como em: *Pedro voltou a bater o carro/a trancar o portão*. Em (48), é ativado também o sentido de *deixar* como operador de negação, indicando, por exemplo, que *Pedro quase bateu o carro*, mas esse evento não chegou a acontecer.

Há alguns predicados de *achievement* que parecem acionar uma única leitura para o verbo *deixar*: a de não-realização do evento, conforme se depreende dos exemplos a seguir:

---

(*surpresa na festa*) – mas ela não estourou por algum motivo (porque esqueceu ou não estourou porque não quis, por exemplo).

- (49) a. Deixei de enviar o e-mail para a coordenação do evento.  
b. O carteiro deixou de entregar a encomenda no sábado.  
c. Joana deixou de comparecer à reunião.

Nas sentenças em (49), *deixar* não aciona uma leitura de interrupção de uma série de eventos, como em (48). Isso ocorre, provavelmente, porque os eventos descritos em (49) não podem ser interpretados como recorrentes, uma vez que se trata de um e-mail específico, em (49a), de uma encomenda específica, em (49b), e de uma reunião específica, em (49c).

#### 2.2.1.5 *Deixar com predicados de semelfactivo*

Smith (1997) caracteriza os *semelfactivos* como eventos de um único estágio sem algum resultado ou mudança. O exemplo (50) ilustra o emprego de *deixar* com esses predicados:

- (50) a. João deixou de tossir.  
b. O pássaro deixou de bater suas asas.

Nos exemplos acima, os predicados *semelfactivos* apontam para eventos únicos, mas que, por sua natureza, são possíveis de repetição, ou seja, de ocorrer mais de uma vez. Esses predicados se combinam com o verbo *deixar*, que assume, nesses contextos, conotação de interrupção de evento, justamente por tais eventos serem únicos, mas ocorrerem repetidas vezes. Em (50a), por exemplo, é possível que João tussa uma única vez, mas é mais provável que tal evento não ocorra isolado, e sim de forma repetitiva.

#### 2.2.2 *Deixar com complementos DPs*

Como já assinalado, o verbo *deixar* é ambíguo entre um emprego funcional, em que aciona uma leitura de aspecto interruptivo, e um emprego lexical, em que seleciona argumentos e os marca tematicamente. Em nossa análise, constatamos que o verbo *deixar* não indica aspecto quando figura com DPs na posição de complemento, mesmo que estes apresentem correspondência com formas verbais, diferenciando-se, assim, do verbo *parar*. DPs deverbais são admitidos na posição de complemento do aspectual *parar* por manterem o traço [+processo], requerido pelos aspectuais. (ROCHETTE, 1999). No caso do verbo *deixar*, mesmo com DPs deverbais, que exibem esse traço, a leitura aspectual não é ativada, conforme se verifica no exemplo (51):

- (51) a. Pedro deixou o estudo.  
b. Pedro deixou a corrida.

Nas sentenças em (51), o verbo *deixar* aciona uma leitura de abandono. Temos por hipótese, entretanto, que se trata de abandono do local onde os eventos *o estudo*, em (51a), e *a corrida*, em (51b), ocorrem. Por exemplo, em (51b), *Pedro deixou/abandonou (o local de) a corrida*, mas esta teve sequência, não foi interrompida. Nossa hipótese tem por base o emprego de *deixar* em sentenças como *Pedro deixou a sede do clube/a cidade/o estádio às 15 horas*. Nesses casos, *deixar* está sendo empregado como verbo lexical, que seleciona dois argumentos e os marca tematicamente. O DP *Pedro* recebe marcação temática de *agente* em (51a) e (51b). Quanto aos DPs *o estudo*, em (51a), e *a corrida*, em (51b), supomos que recebam o papel temático de locativo, por remeterem, mesmo que indiretamente, ao lugar onde os eventos *estudar* e *correr* ocorrem.

É interessante citar, ainda, alguns casos em que o verbo *deixar* se combina com DPs correspondentes a verbo, mas que parecem não ter herdado o traço [+processo], diferenciando-se, assim, das sentenças do exemplo (51):

- (52) a. Pedro deixou de doar para a igreja.  
a'. Pedro deixou (a) doação para a igreja.  
b. Pedro deixou de entregar flores para Maria.  
b'. Pedro deixou (a) entrega de flores para Maria.

Em (52a) e (52b), o verbo *deixar* é ambíguo entre operador de negação, em que *Pedro 'não doou (dinheiro) para a igreja'*, em (52a), e *'não entregou flores para Maria'*, em (52b), e indicador de aspecto interruptivo, em que expressa interrupção de uma série de eventos de mesma natureza, realizado repetidas vezes: *'doar (dinheiro) para a igreja'* e *'entregar flores para Maria'*. Podemos observar que, nas sentenças (52a') e (52b'), em que houve nominalizações, o verbo *deixar* não aciona nem leitura de negação nem leitura de interrupção, correspondendo a predicado lexical. Com esse emprego, *deixar* seleciona três argumentos: um externo e dois internos, aos quais atribuí papel temático de *agente*, *tema* e *beneficiário*, respectivamente.

Até este ponto da pesquisa, constatamos que o verbo *deixar*, quando figura com DP na posição de complemento, corresponde apenas a verbo lexical. Com esse emprego, pode expressar abandono, como em *Pedro deixou a corrida/a reunião/o jogo*, cuja interpretação

remete a *Pedro deixou* o local onde os eventos *a corrida/a reunião/o jogo estavam sendo realizados*, à semelhança de *Pedro deixou o cinema/a sala/o estádio*, como ilustrado em (52); referir-se ao ato de *deixar algo ou alguém em algum lugar*, requerendo três argumentos: *agente*, *tema* e *locativo*, como em *Pedro deixou o filho na escola*; ou, ainda, referir-se ao ato de *deixar algo para alguém*, como em (52a') e (52b'), ou em sentenças como '*Mariana deixou a casa da praia para o filho mais velho*'.

Por fim, é interessante notar que *deixar* não forma sequências aceitáveis com nominalizações a partir de *accomplishments*. Observemos as sentenças do exemplo (53), a seguir:

- (53) a. Pedro deixou de consertar carro.  
a'. ?Pedro deixou o conserto do carro.  
b. Pedro deixou de limpar casa.  
b'. ?Pedro deixou a limpeza da casa.

Em (53a) e (53b), o verbo *deixar* expressa interrupção de uma série de eventos de mesma natureza. Essa leitura não está disponível para as formas nominalizadas em (53a') e (53b'). Contudo se uma noção de tempo for acrescida a essas sentenças, elas tornam-se aceitáveis, como se verifica a seguir:

- (54) a. Pedro deixou o conserto do carro para amanhã.  
b. Pedro deixou a limpeza da casa para depois.

As sentenças em (54) são bem formadas, mas com *deixar* como verbo lexical, sem expressar noção de interrupção do evento. Logo, esse exemplo constitui mais uma evidência de que *deixar* com DP na posição de complemento, independentemente de este corresponder ou não à forma verbal, assume apenas emprego lexical.

### 2.3 FECHAMENTO DO CAPÍTULO

Os dados da nossa pesquisa apontam que o verbo *parar* parece denotar interrupção de evento na maioria dos seus empregos, tanto com complemento InfP quanto com complemento DP, derivado ou não de verbo, exceto quando figuram com predicados de atividades e de *accomplishments* com sintagmas adverbiais *em x tempo*, quando parece acionar uma leitura terminativa. *Parar* parece formar sequência com predicados estativos apenas quando estes exibem o traço [+mudança], oferecendo restrições a predicados estativos [-mudança], assim, os

predicados tipicamente estativos não são possíveis com *parar*.

*Parar* com predicados de atividades, parece indicar que apenas a leitura de interrupção de uma série de eventos da mesma natureza está disponível. O verbo *parar*, quando forma sequência com predicados de *accomplishment*, parece indicar a interrupção de um único evento. Tanto com predicados de atividades quanto com predicados de *accomplishments*, o verbo *parar* se combina com sintagmas adverbiais *por x tempo* indicando interrupção do evento, e com sintagmas adverbiais *em x tempo*, acionando, em alguns casos, uma leitura interruptiva e em outros contextos uma leitura terminativa, o que aponta para uma ambiguidade aspectual.

Nossos dados revelam, também, que *parar* oferece restrições a *achievements* na posição de seu complemento e parece se combinar com predicados *semelfactivos* indicando interrupção de evento. Segue quadro abaixo, exemplificando, resumidamente, por meio de sentenças, o verbo *parar* quando figura com complementos verbais:

QUADRO 6 – Síntese do verbo *parar* figurando com complementos verbais

|                 |  |
|-----------------|--|
| Estados         | - Pedro parou de ser inseguro. (não tipicamente estativo)<br>- *Pedro parou de ser alto. (tipicamente estativo)              |
| Atividades      | -Pedro parou de correr todos os dias.<br>-Pedro parou de correr por 15 minutos.<br>- Pedro parou de trabalhar em 15 minutos. |
| Accomplishments | - Pedro parou de ler o livro.<br>-Pedro parou de ler o livro por 15 minutos.<br>- Pedro parou de ler o livro em 15 minutos.  |
| Achievements    | - *Joana parou de quebrar o copo.<br>- Joana parou de quebrar copos/ copo.   |
| Semelfactivos   | - João parou de tossir.  |

Com nominalizações deverbais, o traço [+processo] é passado dos verbos aos nomes, por isso *parar* forma sequência com DPs correspondentes a verbo. Quando *parar* figura com um DP nato, que não apresenta correspondência com formas verbais na posição de seu complemento, supõem-se que há um infinitivo implícito na estrutura; logo, o traço [+processo] também estaria presente nessas construções. O verbo *parar* encontra restrições em DPs natos, em que não se pode inferir um infinitivo na estrutura da sentença e que não apresenta o traço [+ processo], mas *parar*, quando figura com DPs não correspondentes a verbos (DPs natos),

mas que exibem o traço [+processo] e que envolvem tempo, estágios, também figura interrupção de evento.

O verbo *deixar*, à semelhança de *parar*, constitui um aspectual de interrupção do evento. Entretanto, essa noção está disponível para *deixar* apenas quando um infinitivo preposicionado [InfP] ocupa a posição de seu complemento. Quando *deixar* figura com um complemento DP, mesmo deverbal, parece não acionar a interpretação de aspecto interruptivo. *Deixar* oferece restrições a predicados tipicamente estativos e se combina com predicados não-tipicamente estativos. Os dados revelam que o verbo *deixar* indicador de aspecto interruptivo em predicados estativos, seleciona um complemento que exiba, necessariamente, o traço [+mudança], ausente nos predicados tipicamente estativos.

Com predicados de atividade, o verbo *deixar* indica interrupção de uma série de eventos da mesma natureza ou pode indicar, ainda, que o evento não ocorreu. Com *accomplishments*, *deixar*, à semelhança do verbo *parar*, aciona uma leitura de interrupção de um único evento. Porém, *deixar* parece acionar também uma leitura de não-realização do evento. Esta leitura não está disponível para o verbo *parar*. O verbo *deixar* se combina com sintagmas adverbiais *por x tempo*, indicando o tempo da interrupção do evento e com sintagmas adverbiais *em x tempo* indicando o início da interrupção do evento.

O verbo *deixar* com leitura aspectual parece apresentar restrições a predicados de *achievements*, porém com o uso de estratégias que legitimam um *achievement* na posição de complemento dos aspectuais, a interpretação gerada é a de interrupção de uma série de eventos de mesma natureza, e não a interrupção de um único evento. Nesses casos, *deixar* pode, ainda, gerar o sentido de negação. Observamos, também, que alguns predicados de *achievement* parecem acionar uma única leitura para o verbo *deixar*: a de não-realização do evento. Os *semelfactivos* parecem se combinar com o verbo *deixar* que assume, nesses contextos, conotação de interrupção de evento. Segue quadro explicativo:

QUADRO 7 – Deixar quando figura com complementos verbais

|            |   |
|------------|---|
| Estados    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pedro deixou de ser inseguro. (não-tipicamente estativos)</li> <li>-*Pedro deixou de ter olhos castanhos. (tipicamente estativo)</li> </ul>  |
| Atividades | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Pedro deixou de visitar os amigos. (interruptiva e negação do evento)</li> <li>-Pedro deixou de visitar os amigos por 3 meses.</li> <li>-Pedro deixou de visitar os amigos em 3 meses.</li> </ul> |

|                        |   |
|------------------------|---|
| <i>Accomplishments</i> | -Pedro deixou de ler o livro. (interruptiva e negação do evento)<br>-Pedro deixou de ler o livro por uma semana.<br>-Pedro deixou de ler o livro em uma semana.                             |
| <i>Achievements</i>    | -?Joana deixou de quebrar o copo. (negação do evento)<br>-Pedro deixou de bater o carro. (interrupção de uma série de eventos ou negação do evento)<br>-Maria deixou de quebrar copo/copos. |
| <i>Semelfativos</i>    | João deixou de tossir.  |

Em nossa análise, constatamos que o verbo *deixar* não indica aspecto quando figura com DPs na posição de complemento, mesmo que estes apresentem correspondência com formas verbais, diferenciando-se, assim, do verbo *parar*, em que DPs deverbais são admitidos na posição de complemento do aspectual *parar* por manterem o traço [+processo], requerido pelos aspectuais. Quando *deixar* se combina com DPs, ele seleciona argumentos e os marca tematicamente.

Assim, constatamos que *deixar* constitui um aspectual interruptivo, à semelhança de *parar*, apenas quando figura com complemento infinitivo preposicionado. *Deixar* pode, entretanto, expressar outras noções quando figura com DPs na posição de complemento, o que parece não ocorrer com o verbo *parar*, que expressa aspecto interruptivo em quase todos os seus empregos.

Assim, finalizamos o segundo capítulo, que se propôs a analisar os verbos *parar* e *deixar* com complementos verbais e nominais. Seguimos agora para o terceiro capítulo, que objetiva apresentar uma proposta de análise sintática para os verbos estudados nesta pesquisa.



### 3 REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES

Neste capítulo, objetivamos apresentar uma proposta de representação sintática para os verbos *parar* e *deixar* quando figuram com um complemento de natureza verbal ou com um complemento de natureza nominal. Levaremos em consideração as análises feitas no capítulo 2, bem como a revisão teórica anteriormente explanada.

De acordo com Rochette (1999) e Cinque (1999; 2006), os aspectuais são inacusativos funcionais quando subcategorizam um infinitivo que pode ser explícito ou implícito na estrutura, ou um DP correspondente a verbo. Para os autores, quando os aspectuais figuram com um DP não-correspondente a verbo na posição de seu complemento, são inacusativos lexicais.

Assim, para amparar nossa proposta de representação sintática para os verbos *parar* e *deixar* no português brasileiro, iremos apresentar, na seção 3.1, a Hipótese Inacusativa; na seção 3.2, abordaremos as estruturas e os verbos de alçamento; em 3.3, apresentaremos a proposta de representação sintática para os verbos *parar* e *deixar*; por fim, em 3.4, o fechamento do capítulo.

#### 3.1 HIPÓTESE INACUSATIVA E A INACUSATIVIDADE

Temos como base a literatura (PERLMUTTER, 1970; BURZIO, 1986; MIOTO, SILVA e LOPES, 2013, entre outros) sobre a estrutura sintática dos verbos aspectuais, sendo assim, primeiramente, iremos discorrer sobre a Hipótese Inacusativa. Inspirada na línguas ergativas, a Hipótese Inacusativa foi formulada por Perlmutter (1970) e adaptada por Burzio (1986) ao modelo de Princípios e Parâmetros (FERREIRA, 2009, p. 113). A Hipótese Inacusativa afirma que a classe de verbos intransitivos consiste de duas subclasses: a dos verbos inacusativos e a dos verbos inergativos. Um verbo inacusativo seleciona apenas argumento interno, não projetando a posição do argumento externo. Já os verbos inergativos selecionam apenas argumento externo e não selecionando, assim, argumento interno (BURZIO, 1986; FERREIRA, 2009, p. 113), conforme podemos observar na representação abaixo:

- (55) a. Inacusativos: \_\_\_\_\_ [VP [V' V DP]]  
b. Inergativos: [VP DP [V' V]]

Conforme os exemplos de representação acima, em (55a) temos os inacusativos, que selecionam apenas argumento interno, *sumir* e *cair* são alguns exemplos dessa classe de verbos. Em (55b) exemplificamos a estrutura dos verbos inergativos, que selecionam apenas argumento externo, exemplos dessa classe de verbos são *tossir*, *dormir* etc.

De acordo com Pelmutter (1970), o precursor da Hipótese Inacusativa, e Burzio (1986), dentre outros autores da Gramática Gerativa, descrevem e explicam a estrutura desses verbos com um padrão universal, mesmo entre diferentes sistemas linguísticos.

A posição do DP, tanto nas sentenças ergativas quanto nas sentenças inacusativas, adquire o papel de sujeito, o que, muitas vezes, dificulta reconhecer as diferenças entre essas duas classes de verbos. De acordo com Ferreira (2009, p. 114), em ambas as construções, o DP é gerado em posição sem caso, tanto na posição de argumento externo, ou na posição de argumento interno de um inacusativo (um verbo inacusativo é incapaz de atribuir caso acusativo). Nas duas situações, o DP deve ser movido para Spec/IP para ser marcado com caso nominativo. A autora salienta ainda que existem várias maneiras para reconhecer se uma sentença [DP<sub>suj</sub> V] contém um verbo inergativo ou inacusativo; por exemplo, o DP argumento dos inergativos tem propriedades prototípicas de agente; o DP dos inacusativos tem propriedades de tema. Além de noções sobre a Hipótese Inacusativa, faz-se necessário abordarmos alguns apontamentos sobre a inacusatividade. Com base em Miotto, Silva e Lopes (2004), são classificados como verbos inacusativos verbos que subcategorizam, além de DP, uma *small clause* (SC), um CP, um VP/infinitivo, gerúndio ou particípio ativo ou passivo.

Ferreira (2009, p. 115) apresenta exemplos de inacusativos que subcategorizam um DP, que observaremos abaixo:

- (56) a. [apareceu [DP a Marta ]]  
b. [IP A Marta<sub>i</sub> apareceu<sub>v</sub> [VP t<sub>v</sub> t<sub>i</sub>]]

De acordo com a autora, o verbo *aparecer* é inacusativo e seleciona o DP *a Marta* como seu complemento e atribui-lhe o papel- $\theta$  de tema. Esse DP é gerado na posição de argumento interno do verbo e alçado para a posição Spec/IP para receber caso, conforme mostra (56b). Ainda, de acordo com Ferreira (2009, p. 115), um verbo inacusativo pode selecionar também como seu complemento uma SC que pode ter como núcleo do seu predicado um DP, um sintagma adjetival (AP) ou, ainda, um sintagma preposicional (PP), como podemos observar nos exemplos abaixo, desenvolvidos por Ferreira (2009, p. 115):

- (57) a. A Marta é uma criança.  
 a'. é [<sub>SC</sub> a Marta [<sub>DP</sub> uma criança]]  
 b. A Marta é carinhosa.  
 b'. é [<sub>SC</sub> a Marta [<sub>AP</sub> carinhosa]]  
 c. A Marta é de fibra.  
 c'. é [<sub>SC</sub> a Marta [<sub>AP</sub> de fibra]]

De acordo com a autora, o DP *a Marta* que aparece na posição de sujeito do verbo inacusativo *ser* em (57a), (57b) e (57c) é o sujeito da SC. Como o predicado da SC, em todas as sentenças em (57), é preenchido por um elemento incapaz de atribuir caso acusativo, há o alçamento do DP para Spec/IP, posição em que recebe caso nominativo.

Os verbos inacusativos também subcategorizam um CP na posição de seu complemento (AI), como podemos observar nas sentenças abaixo:

- (58) a. Parece [<sub>CP</sub> que a Maria enfrenta os problemas com coragem]. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2004, p. 151)  
 b. [<sub>IP</sub> <sub>PRO</sub><sub>expl</sub> parece<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> <sub>t<sub>v</sub></sub> [<sub>CP</sub> que [<sub>IP</sub> esse robô<sub>i</sub> dança<sub>k</sub> [<sub>VP</sub> <sub>t<sub>i</sub></sub> <sub>t<sub>k</sub></sub>]]]]]] (FERREIRA, 2009, p. 116)

Em sentenças como em (58a), apresentam construções em que, na sentença matriz o princípio de projeção estendido (EPP) não pode ser satisfeito por *a Maria*, pois esse DP satisfaz o EPP da sentença encaixada (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 153). Seguindo, observa-se em Miotto, Silva e Lopes (2013), que os verbos inacusativos também selecionam como complemento um InfP, como observamos em (59):

- (59) a. A Maria deve trazer a mochila dela. (MIOTO, SILVA; LOPES, 2013, p. 153)  
 b. [<sub>IP</sub> Pedro<sub>i</sub> começou [a <sub>t<sub>i</sub></sub> correr]] (FERREIRA, 2009, p. 118)

Miotto, Silva e Lopes (2013) indicam que, nesse caso, reconhece-se o inacusativo por apresentar a sequência de verbo finito + infinitivo impessoal. Outros verbos que comportam-se como o verbo *dever* são: *parecer*, *poder*, entre outros. Nota-se ainda, como em (59b), que alguns verbos inacusativos têm um complemento infinitivo precedido de uma preposição. Outros verbos que possuem um complemento infinitivo preposicionado são: *começar*, *continuar*, *parar*, *deixar*, *terminar* etc.

Os verbos inacusativos, podem, ainda, selecionar como complemento um gerúndio ou particípio ativo ou passivo. Como observamos nas sentenças em (60):

- (60) a. [João<sub>i</sub> deve [<sub>GerP</sub> t<sub>i</sub> telefonar]] (MIOTO; SILVA; LOPES, 2004, p. 120)  
b. Tem [<sub>PartP</sub> Marta cantado nas festas] (FERREIRA, 2009, p. 119)

Os verbos representantes dos inacusativos com participio são *ter* e *haver*. Esses inacusativos também selecionam como seu complemento uma forma nominal, incapaz de atribuir caso ao argumento externo do verbo, sendo alçado para Spec de IP (FERREIRA, 2009, p. 119).

Assim, nesta seção, apresentamos resumidamente noções sobre a Hipótese Inacusativa e sobre a inacusatividade, mostrando como se comportam os verbos inacusativos e os complementos que selecionam.

### 3.2 ESTRUTURA E VERBOS DE ALÇAMENTO

As construções que a Teoria Gerativa aborda como de alçamento envolvem o alçamento de um DP, sujeito de uma predicação em que não pode receber Caso do seu predicador (um adjetivo, um infinitivo não flexionado, por exemplo), para uma posição em que a atribuição de caso seja possível (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005). De acordo com essa proposta, Rizzi (1982), Aissen e Perlmutter (1983), Burzio (1986), Gonçalves (1999) e Cinque (2006) inserem nesse grupo os verbos modais, aspectuais e de movimento. Esse grupo seria formado, portanto, por verbos como *dever*, *ter de*, *poder*, *tender*, *começar*, *continuar*, *costumar*, *estar por*, *parar*, *deixar*, *terminar*, *ir*, *vir*, entre outros. Segundo esses autores, os verbos de alçamento que permitem reestruturação selecionam um complemento no infinitivo, formando sequências verbais (FERREIRA, 2009, p.71). Assim, resultam do movimento do argumento externo do verbo encaixado para a posição de sujeito da sentença, conforme mostram os exemplos a seguir, extraídos de Rizzi (1982, p. 4-5):

- (61) a. Gianni gli *ha dovuto/ha potuto* parlare personalmente.  
‘Gianni lhes tem devido/tem podido falar pessoalmente’
- b. Mario la *comincia a/finisce di* battere a macchina domani (la tesi).  
‘Mario a começa a/termina de bater a máquina amanhã (a tese)’.
- c. Piero li *venne/andò/tornò* a chiamare alla stazione.  
‘Piero os veio/andou/tornou a chamar para a estação’

De acordo com Ferreira (2009, p. 71), em construções de alçamento, o DP argumento externo do verbo encaixado se move para a posição de sujeito do verbo matriz. Segundo a autora, esse movimento ocorre para suprir a carência de Caso do DP, o qual não pode receber nominativo da forma verbal no infinitivo por não possuir marcas flexionais, nem acusativo do verbo matriz, que não tem esse Caso disponível devido a suas propriedades inacusativas. Assim, o argumento do verbo encaixado se torna o sujeito da sentença. Nas sentenças em (61), o alçamento do clítico revela a aplicação da regra de reestruturação.

Para Ferreira (2009, p. 71-72) além do alçamento do clítico, o movimento longo do objeto pode ser empregado como um diagnóstico de reestruturação com verbos de alçamento por estes não selecionarem argumento externo. Esse movimento ocorre com a apassivação do verbo matriz ou encaixado. As construções inacusativas são derivadas do movimento do DP. Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 243) exemplificam a estrutura de alçamento com uma construção inacusativa:

- (62) a. A cidade<sub>i</sub> foi destruída t<sub>i</sub> pelos inimigos.  
b. A Joana<sub>i</sub> parece t<sub>i</sub> enfrentar os problemas com bravura.

Na sentença em (62a), o DP *a cidade* é movido da posição do argumento interno do participio; em (62b) o DP *A Joana* é movido da posição de argumento externo do verbo da sentença infinitiva complemento de *parecer*. Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 243) afirmam que “todos os movimentos se efetuem para uma posição A, Spec IP, para o DP obter Caso.” Nas representações, temos uma *ec* (categoria vazia) que se comporta “como uma anáfora lexical”. Mioto, Silva e Lopes (2004) apontam que a *ec* é chamada de **vestígio** (**t**, do inglês *trace*) nas representações sintáticas. Nessas sentenças, as *ecs* equivalem a DPs e são classificadas pela Teoria da Ligação, são necessárias na estrutura sentencial, pois sua inexistência levaria à violação de algum princípio da gramática.

### 3.3 PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA PARA OS VERBOS *PARAR* E *DEIXAR*

O verbo *parar* é um verbo inacusativo, ou seja, somente seleciona argumento interno. Parece se comportar como um inacusativo funcional, quando seleciona um Infinitivo ou um DP deverbal na posição de seu complemento, e ser um inacusativo lexical quando figura com DPs natos. O verbo *deixar*, quando figura com um complemento de natureza verbal, aciona uma

leitura aspectual. Nesse caso, é um verbo inacusativo e seleciona somente um argumento interno, comportando-se de modo semelhante ao do verbo *parar*. Quando, porém, figura com complementos de natureza nominal, seleciona argumentos e os marca tematicamente, acionando, assim, uma leitura lexical. Veremos os dois casos separadamente. Em 3.3.1, iremos propor a representação sintática para os verbos *parar* e *deixar* quando figuram com complementos de natureza verbal; em 3.3.2, iremos propor a representação sintática dos verbos *parar* e *deixar* quando figuram com complementos de natureza nominal.

### 3.3.1 *Parar e deixar* com complementos de natureza verbal

Os verbos *parar* e *deixar* inacusativos funcionais não atribuem papéis temáticos aos seus complementos e não selecionam argumentos. De acordo com a Hierarquia dos predicados funcionais de Cinque (2006), podemos localizar os verbos *parar* e *deixar* como verbos interruptivos, numa posição intermediária na hierarquia. Dividiremos esta seção em duas partes, a primeira, 3.3.1.1, apresenta os verbos *parar* e *deixar* com complementos infinitivos precedidos por *de*; a segunda, 3.3.1.2, apresenta os verbos *parar* e *deixar* com complementos DP deverbais.

#### 3.3.1.1 *Parar e deixar* com InfP

Os verbos *parar* e *deixar* inacusativos funcionais subcategorizam um InfP na posição de seu complemento, como podemos observar nas sentenças abaixo, retiradas das análises realizadas no capítulo anterior.

- (63)
- a. Pedro parou/deixou de ser inseguro.
  - b. Pedro parou/ deixou de ler o livro.
  - c. Pedro parou/deixou de pintar a casa.
  - d. Joana \*parou/deixou de quebrar o copo.
  - e. João parou/deixou de tossir.

De acordo com as análises, os verbos interruptivos *parar* e *deixar*, formam sequência com predicados que apresentam o traço [+processo]. Quando as características de processo não estão presentes, a sentença torna-se agramatical, como em (63d) com o verbo *parar*.

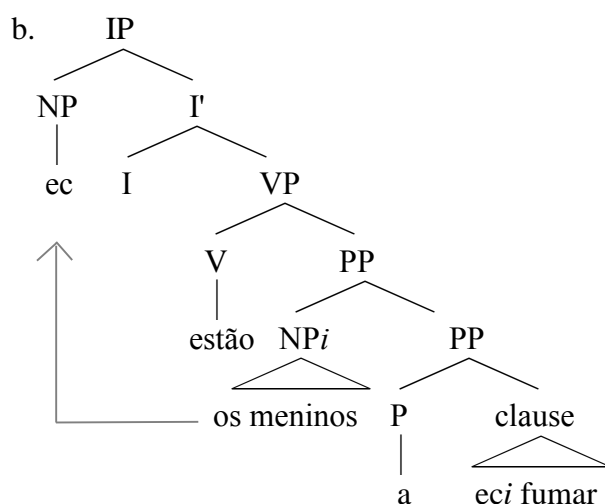
O verbo *deixar* com predicados de *accomplishments* torna-se ambíguo, podendo acionar uma leitura de interrupção de uma série de eventos, ou uma leitura de não realização do evento,

como em (63c). Quando *deixar* figura com alguns *achievements*, aciona somente a leitura de não-realização do evento, como em (63d). Uma possível explicação seria que o verbo *deixar*, nesse caso, funcionaria como um operador de negação. Nessas sentenças a leitura acionada seria *Joana não quebrou o copo*, podendo, talvez estar na posição de NegP, a mesma posição ocupada pelo operador de negação *não*.

Pollock (1989), Laka (1990), Zanuttini (1995) e Polleto (2009) argumentam a favor da categoria NegP, mas discordam em relação à posição dessa categoria na estrutura arbórea. Zanuttini (1995), Miotto, Silva e Lopes (2004), entre outros, propõem que o operador de negação *não* encabeçaria o sintagma responsável pela negação da sentença. Segundo os autores, o NegP deve estar entre AgrP e TP, sendo inserido como complemento de Agr. Outros casos são: *Joana deixou de comparecer à reunião/ Joana não foi à reunião, Joana deixou de enviar o e-mail/ Joana não enviou o e-mail*<sup>6</sup>.

Quando os verbos *parar* e *deixar* figuram com complementos infinitivos, carregam propriedades de predicados funcionais, não selecionando argumentos, e não atribuem papel temático. Como uma proposta de representação sintática para esses casos, nos amparamos nos estudos de Raposo (1989), que analisou sentenças com complementos infinitivos preposicionados no português europeu, que, à semelhança do português brasileiro, também são selecionados por verbos classificados como inacusativos. Observamos a representação sintática proposta por Raposo (1989, p. 296) para sentenças com complementos InfP:

(64) a. Os meninos estão a fumar.

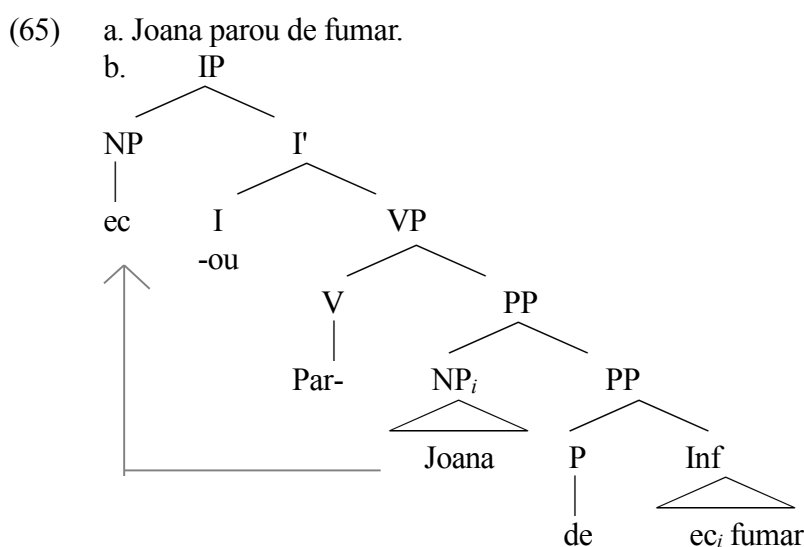


<sup>6</sup> Como não encontramos estudos referentes ao uso do verbo *deixar* como operador de negação e os estudos sobre operadores de negação não apontam uma única direção, foge do alcance do nosso trabalho tentar propor uma representação sintática para esses casos, sendo esse um bom e importante tema para pesquisas futuras, que deve ser amplamente analisado no PB.

Conforme Raposo (1989), em sentenças como em (64), ocorrem dois alçamentos do sujeito da construção infinitiva. O primeiro alçamento é denominado *small raising*. Nessas sentenças, o sujeito da *small clause* é alçado para a posição de sujeito da CIP. Já o segundo alçamento ocorre desta posição para Spec/IP, assim, o DP é marcado pela flexão do verbo aspectual com Caso nominativo. Para Rochette (1999, p. 161-162), o aspectual não seleciona nenhum argumento, uma vez que não dispõe de papéis temáticos para atribuir. A atribuição de papéis temáticos é feita pelo predicado infinitivo implícito na estrutura, por isso a representação sintática de uma sentença com verbo aspectual deve projetar a posição do predicado infinitivo, mesmo quando este estiver implícito.

Para Rochette (1999, p. 148), as propriedades sintáticas e semânticas das construções em que o verbo aspectual seleciona complemento no infinitivo indicam que o predicado principal é o verbo encaixado e é este o responsável pela seleção de argumentos e pela atribuição de papéis temáticos. Assim, a autora afirma que os verbos aspectuais apresentam características de verbos de alçamento, comportando-se como predicados funcionais, que não impõem restrições ao seu complemento e, conseqüentemente, nem ao sujeito da sentença. Este constitui argumento do predicado encaixado que se move para a posição do sujeito da sentença, conforme ocorre nas sentenças em (63), onde *Pedro* e *Joana* figuram como sujeitos das sentenças, mas são argumentos dos verbos infinitivos e não dos verbos *parar* ou *deixar*.

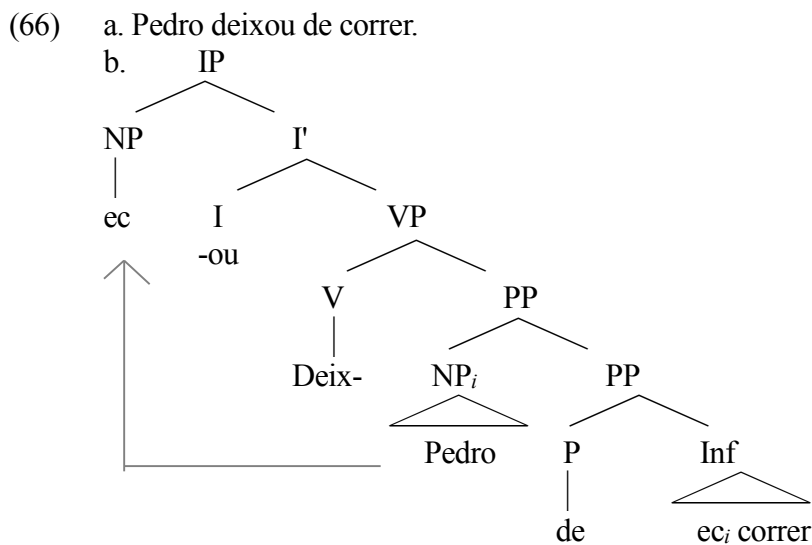
Assim, seguindo a proposta de Raposo (1989), a representação sintática que pode ser associada aos verbos *parar* e *deixar* com infinitivos preposicionados seria:



O verbo *deixar* com complemento PInfP, seria, de acordo com a proposta de Raposo (1989), representado da mesma forma que o verbo *parar* com complemento PInf, como



podemos observamos em (66):



Nas sentenças que *parar* e *deixar* figuram com complementos infinitivos preposicionados, há uma problemática em relação a sua representação, pois a preposição *de* que antecede os verbos infinitivos parece não se comportar como preposição nesses casos, já que as características de preposição imporiam restrições ao alçamento do argumento do verbo encaixado para a posição de sujeito da sentença. Essa restrição, em relação ao alçamento, é justificada pela preposição poder atribuir caso ao seu complemento, sendo assim, não teria necessidade do alçamento, pois o argumento do verbo encaixado alça para a posição de sujeito justamente para receber caso. Dessa forma, como explicar o alçamento se não for para receber caso? Como ainda não há estudos suficientes referentes a esse fenômeno, não podemos afirmar se a preposição *de* seria de fato uma preposição ou uma partícula que pertenceria ao verbo aspectual<sup>7</sup>. Assim, necessita-se de mais estudos para ser possível propor uma representação sintática que abarque essa posição na representação arborea de forma satisfatória e que justifique a sua posição e função na sentença, principalmente se ele for considerado uma partícula requerida pelo verbo aspectual.

<sup>7</sup> Essa problemática e a sugestão de que o *de* que precede verbos infinitivos que são complementos de verbos aspectuais seria uma partícula do verbo aspectual e não uma preposição foi apontada pelo professor e pesquisador Carlos Míoto durante a realização do exame de qualificação deste trabalho.

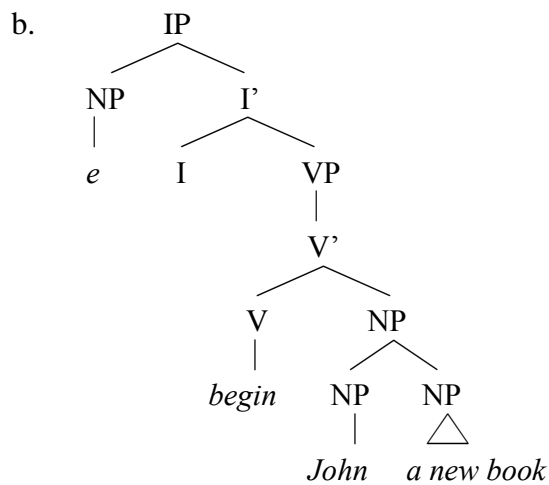
### 3.3.1.2 Parar e deixar com DPs deverbais

Conforme analisado nos capítulos anteriores, o traço determinante para que um sintagma ocupe a posição de complemento do aspectual *parar* parece ser [+processo], traço requerido não apenas por *parar* e *deixar*, mas pelos aspectuais de forma geral. Esse traço está presente nos verbos, por isso *parar* e *deixar* formam sequência com infinitivos precedidos por *de* (PInfP). Conforme Rochette (1999), o traço [+processo] é passado dos verbos aos nomes em casos de nominalizações deverbais, por isso *parar* e *deixar* formam sequências com DPs correspondentes a verbo. Quando os aspectuais figuram com um DP nato, que não apresenta correspondência com formas verbais, na posição de seu complemento, Rochette (1999) e Cinque (2006) supõem, em seus estudos com verbos aspectuais, que há um infinitivo implícito na estrutura; logo, o traço [+processo] também estaria presente nessas construções. As sentenças em (12) mostram a combinação do aspectual *parar* e *deixar* com um DP deverbal e com um DP não correspondente a verbo, mas que supõem um infinitivo implícito na estrutura da sentenças, respectivamente:

- (67) a. Pedro parou a leitura do livro.  
b. Pedro deixou a leitura do livro.  
c. Pedro parou a dieta.  
d. Pedro deixou a dieta.

Em (67a) e (67b) temos a forma nominalizada do infinitivo *ler*: *a leitura do livro*, que, por isso, exhibe igualmente o traço [+processo], não devendo ser considerado um DP nato (ROCHETTE, 1999). Em (67c) e (67d), parece haver um infinitivo implícito na estrutura, que pode ser inferido com facilidade e serem interpretadas como *Pedro parou/deixou de fazer/ de seguir a dieta*. Esses exemplos não se caracterizam, portanto, como um de DP nato na posição de complemento do aspectual interruptivo, pois um verbo infinitivo está pressuposto na estrutura da sentença. Rochette (1999, p. 161) propõe que a estrutura sintática nesses casos seja conforme representação abaixo, onde, para a autora, *a new book* (um novo livro) seria o objeto do processo e *John* seria o sujeito denotado por tal processo:

(68) a. *John begin a new book.*



Os DPs deverbais são admitidos na posição de complemento do aspectual *parar* por manterem o traço [+processo], requerido pelos aspectuais (ROCHETTE, 1999). *Parar* com complementos DPs derivados de verbos aciona uma leitura interruptiva, já no caso do verbo *deixar*, mesmo com DPs deverbais, que exibem esse traço, a leitura aspectual parece não ser ativada, conforme se verifica no exemplo (71):

(69) a. Pedro deixou o estudo.  
b. Pedro deixou a corrida.

Assim, temos por hipótese que o verbo *parar*, quando figura com DPs deverbais ou quando aciona a leitura de um infinitivo implícito na estrutura da sentença, possui uma leitura aspectual. O verbo *deixar*, quando figura com complementos DPs que podem acionar um infinitivo implícito na sua estrutura, parece possuir uma leitura aspectual interruptiva ou de não-realização do evento (*Pedro deixou a dieta/ Pedro deixou de seguir a dieta*). Já quando o verbo *deixar* tem como complemento um DP deverbal, parece possuir uma leitura aspectual interruptiva e, sim, uma leitura de abandono do evento, como em (69a) e (69b). Ancorados com os estudos de Rochette (1999) com o verbo *começar*, propomos que a representação teórica para os verbos *parar* e *deixar* com um infinitivo implícito seria:

(70) a. [IP Pedro<sub>i</sub> parou/deixou [InfP de t<sub>i</sub> fazer a dieta]].  
b. [IP Pedro<sub>i</sub> parou/deixou [InfP t<sub>i</sub> Ø a dieta]].

Rochette (1999) salienta que essa fórmula apresenta problemas em sentenças na passiva, para as quais propõe que haveria um processo implícito nessas estruturas. Com os verbos *parar*

e *deixar* no PB, sentenças na passiva parecem não acionar uma leitura aspectual interruptiva, nem um processo implícito, não havendo assim processo, o que poderia ser responsável pela agramaticalidade da sentença (71a) e por, em (71b), o verbo *deixar* não figurar como aspectual. Nas sentenças abaixo, o verbo *deixar* parece acionar uma leitura lexical:

- (71) a. \*Pedro parou um livro novo/ um livro novo foi parado por Pedro.  
b. ?Pedro deixou um livro novo (na estante)/ um livro novo foi deixado por Pedro.

Os DPs deverbais são admitidos na posição de complemento do aspectual *parar* por manterem o traço [+processo], requerido pelos aspectuais (ROCHETTE, 1999). *Parar* com complementos DPs derivados de verbos aciona uma leitura interruptiva, já no caso do verbo *deixar*, mesmo com DPs deverbais, que exibem esse traço, a leitura aspectual parece não ser ativada, conforme se verifica no exemplo (72):

- (72) a. Pedro deixou o estudo.  
b. Pedro deixou a corrida.

Assim, temos por hipótese que o verbo *parar*, quando figura com DPs deverbais ou quando aciona a leitura de um infinitivo implícito na estrutura da sentença, possui uma leitura aspectual. O verbo *deixar*, quando figura com complementos DPs que podem acionar um infinitivo implícito na sua estrutura, parece possuir uma leitura aspectual interruptiva ou de não-realização do evento (*Pedro deixou a dieta/ Pedro deixou de seguir a dieta*). Já quando o verbo *deixar* tem como complemento um DP deverbal, parece não possuir uma leitura aspectual interruptiva e, sim, uma leitura de abandono do evento, como em (72a) e (72b).

### 3.3.2 *Parar e deixar* com DPs natos

O aspectual *parar*, de acordo com nossas análises, parece oferecer restrições a DPs natos, em que não se pode inferir um infinitivo implícito na estrutura da sentença. Observemos as sentenças que seguem:

- (73) a. ?O marido parou a esposa.  
b. \*O filho parou a casa dos pais.

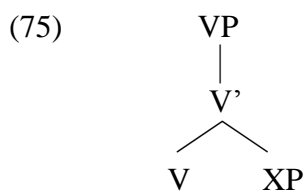
Em (73a), a sentença pode ser entendida como *O marido deteve a esposa*, o que torna a sentença gramatical, mas não possibilita inferir um verbo implícito em sua estrutura. Em

(73b), temos uma sentença agramatical. Isso ocorre, provavelmente, porque não se pode inferir facilmente um infinitivo em construções semelhantes a essa e por não apresentar o traço [+processo] na posição de seu complemento.

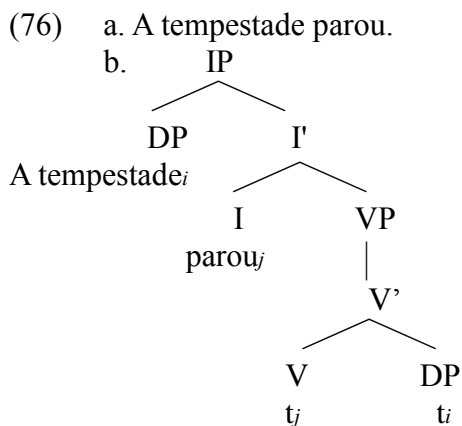
O verbo *parar*, quando figura com DPs não correspondentes a verbos (DPs natos), mas que exibem o traço [+processo] e que envolvem tempo, estágios, também expressa interrupção de evento, gerando uma leitura aspectual, como observamos em (74):

- (74) a. A tempestade parou.  
b. Parou a chuva.

Nesses casos, o verbo *parar* se comporta como um inacusativo lexical, ou seja, carrega todas as características de um verdadeiro inacusativo. Seleciona apenas argumento interno, o qual não é derivado de verbo, ou seja, é um DP de natureza nominal e, como inacusativo lexical, atribui papel temático. A representação sintática proposta para esses casos, de acordo com Miotto, Silva e Lopes (2004, p. 148) é a seguinte:



Nota-se que, em (74a), há o alçamento do argumento *a tempestade* para a posição de sujeito da sentença, como podemos observar na representação abaixo, seguindo o modelo de representação proposto por Miotto, Silva e Lopes (2004, p. 159):



Na sentença representada em (76), o DP *a tempestade* é gerado como argumento interno de *parou*, posição em que recebe papel temático. É alçado para a posição de sujeito e, segundo Miotto, Silva e Lopes (2004, p. 160) “o DP sai de uma posição temática e se move para uma posição não temática, ficando apenas a cauda da cadeia marcada tematicamente. Este tipo de cadeia foi formado licitamente em todas as classes de verbos inacusativos estudados até agora.”

O verbo *deixar*, ao contrário do verbo *parar*, não parece ser um inacusativo lexical. Inclusive, em sentenças com complementos DPs derivados de verbos, o traço [+processo] se mantém em sentenças com o verbo *parar* e não é herdado em sentenças com o verbo *deixar*, conforme exemplo abaixo:

- (77) a. Pedro parou de doar para a igreja.  
a'. Pedro parou a doação para a igreja.
- b. Pedro deixou de doar para a igreja.  
b'. Pedro deixou a doação para a igreja.

Nota-se que, em (77a) e (77a'), mantém-se o aspecto interruptivo. Em (77b), temos uma sentença ambígua entre uma leitura interruptiva ou de não-realização da sentença. Já em (77b'), temos uma sentença em que o verbo *deixar* é lexical, em que seleciona três argumentos e os marca tematicamente.

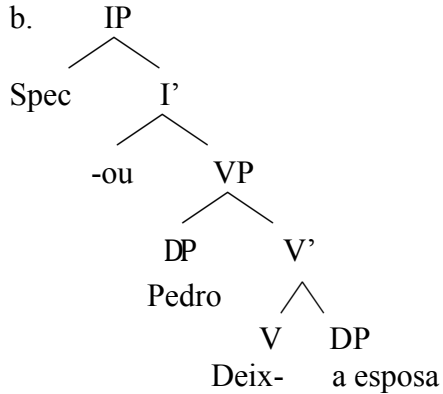
Sentenças como (78) tendem a comprovar que o verbo *deixar* não se comporta como um inacusativo lexical:

- (78) a. \* A tempestade deixou.  
b. \*Deixou a chuva.

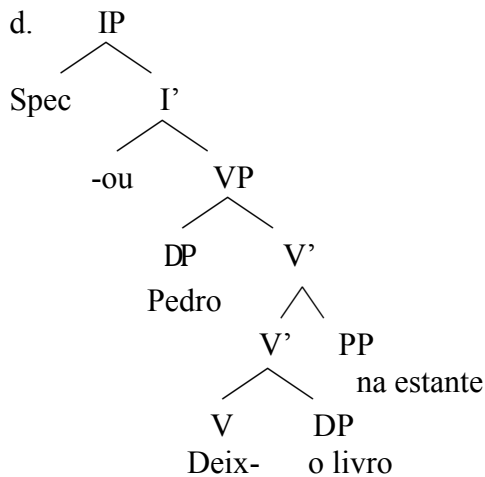
Um dos fatores que pode contribuir para que o verbo *deixar* acione uma leitura diferente daquela acionada pelo verbo *parar* com DPs derivados de verbos, e até mesmo para justificar a agramaticalidade com alguns DPs natos, como em (78), poderia ser a própria natureza do verbo, pois *deixar* apresenta ambiguidades aspectuais, como um inacusativo funcional, acionando leituras diferentes, bem como distintas de outros aspectuais – *deixar* pode ser um verbo aspectual e lexical, dependendo de seus complementos.

O verbo *deixar*, como um verbo lexical, comporta-se como um verbo transitivo e pode selecionar dois ou três argumentos, conforme os exemplos que seguem abaixo, juntamente com suas representações sintáticas, conforme representações propostas por Miotto, Silva e Lopes (2004, p. 53-83) para sentenças com verbos que se comportam de maneira semelhante:

(79) a. Pedro deixou a esposa.



c. Pedro deixou o livro na estante.



Em (71a) e (71c), o verbo *deixar* figura com complementos de natureza nominal. Na sentença em (71a) e representada em (71b), *deixar* seleciona dois argumentos, um externo e um interno, atribuindo-lhes papel temático de *agente* e *tema*, respectivamente. Em (71c), representada em (71d), *deixar* seleciona três argumentos, um externo e dois internos, atribuindo-lhes papel temático de *agente*, *tema* e *locativo*, respectivamente.

### 3.4 FECHAMENTO DO CAPÍTULO

Durante este capítulo, tivemos a oportunidade de utilizar as sentenças e análises feitas em uma perspectiva mais semântica no capítulo 2, para fazermos uma análise de interface sintaxe-semântica. Pudemos, também, observar mais atentamente as semelhanças e as diferenças de sentidos acionados pelos verbos *parar* e *deixar* quando figuram com complementos de natureza verbal e complementos de natureza nominal.

Observou-se que tanto *parar* quanto *deixar* acionam uma leitura aspectual quando figuram com infinitivos precedidos por *de*, e que ambos acionam leitura aspectual quando figuram com um aparente DP na posição de complemento, nos casos em que se pode inferir um infinitivo implícito na estrutura da sentença. Nesses casos, o verbo *parar* e o verbo *deixar* indicam ser verbos inacusativos funcionais.

*Parar* parece se comportar como um verbo inacusativo em todos os casos, mesmo quando figura com DPs deverbais ou natos. Quando *parar* figura com DPs natos, que não possuem traços de [+processo], ele comporta-se como um inacusativo lexical, ou seja, seleciona um AI e o marca tematicamente. Quando, porém, figura com DPs que não possuem esse traço, as sentenças tendem a ser agramaticais.

O verbo *deixar*, diferentemente do verbo *parar*, não se comporta como um inacusativo lexical. Comporta-se como um verbo que, dependendo de seus complementos, pode ser aspectual, quando figura com complemento infinitivo explícito ou implícito na estrutura da sentença, ou lexical, quando figura com DPs em sentenças em que não se pode inferir um infinitivo implícito na estrutura da sentença (casos em que normalmente parece não acionar uma leitura aspectual interruptiva). Quando o verbo *deixar* comporta-se como verbo lexical, ele pode selecionar dois argumentos, um AE e um AI; ou pode, ainda, selecionar três argumentos, um AE e dois AI, marcando-os tematicamente, comportando-se como um verbo transitivo.

Durante o desenvolvimento deste capítulo, pudemos perceber muitos pontos a serem investigados futuramente, como por exemplo, o sentido acionado pelo verbo *deixar* como um possível operador de negação e como essa categoria seria representada sintaticamente. Outro ponto que dificulta uma proposta precisa para as sentenças com os verbos *parar* e *deixar* com complementos infinitivos precedidos por *de* é identificar o que esse *de* realmente é na sentença e onde se localizará na representação arbórea, se é uma preposição que está abrangendo uma função diferente do que conhecemos ou se ele seria uma partícula do verbo aspectual.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs estudar os verbos *parar* e *deixar* no português brasileiro (PB) em contextos sintáticos em que figuram com complemento de natureza verbal [InfP] e de natureza nominal [DP]. O principal objetivo desta pesquisa foi depreender as noções que esses verbos expressam, associando-as à categoria do seu complemento, para isso, amparamos nossa pesquisa nos estudos realizados por Burzio (1986), Cinque (1999, 2006), Rochette (1999), Lamiroy (1987), Vendler (1967), Smith (1999), Basso e Ilari (2004), Rech (2009), Bertinetto (1986; 1991, 2001), Miotto, Silva e Lopes (2013), entre outros.

Nossa pesquisa foi norteada, primeiramente, pelas classes vendlerianas, contudo, os refinamentos feitos por Bertinetto (1986, 1991), principalmente no que diz respeito à divisão dos estativos, e por Smith (1997), que inclui uma quinta classe aspectual, os *semelfactivos*, foram abordados e discutidos no decorrer das análises. Abordamos os pares básicos de valores do aspecto lexical que são: *estatividade* e *dinamicidade*; *telicidade* e *atelicidade*; *pontualidade* e *duratividade*, os quais foram de extrema importância para a análise das sentenças durante todo o desenvolvimento deste trabalho, pois por meio desses traços os predicados se assemelham ou se diferenciam e, assim, definem a categoria à qual pertencem.

Concluimos que as noções que esses verbos expressam estão associadas à categoria do seu complemento. O verbo *parar* parece denotar interrupção de evento em quase todos os seus empregos, tanto com complemento InfP quanto com complemento DP, derivado ou não de verbo, exceto quando figuram com predicados de atividades e de *accomplishments* com sintagmas adverbiais *em x tempo*, quando parece acionar uma leitura terminativa, o que aponta que o verbo *parar* possui uma ambiguidade aspectual. *Parar* parece formar sequência com predicados estativos apenas quando estes exibem o traço [+mudança], oferecendo restrições a predicados estativos [-mudança], assim, os predicados tipicamente estativos não são possíveis com *parar*. *Parar* com predicados de atividade, indica a leitura de interrupção de uma série de eventos da mesma natureza. Já com predicados de *accomplishment*, *parar* indica a interrupção de um único evento. Nossos dados revelaram, também, que *parar* oferece restrições a *achievements* na posição de seu complemento e parece se combinar com predicados *semelfactivos* indicando interrupção de evento. Com nominalizações deverbais, o traço [+processo] é passado dos verbos aos nomes, por isso *parar* forma sequência com DPs correspondentes a verbo e encontra restrições em DPs natos, em que não se pode inferir um

infinitivo na estrutura da sentença.

O verbo *deixar* aciona leitura de interrupção de evento apenas quando um infinitivo preposicionado [InfP] ocupa a posição de seu complemento. Quando *deixar* figura com um complemento DP, mesmo de verbal, parece não acionar a interpretação de aspecto interruptivo. *Deixar* oferece restrições a predicados tipicamente estativos e se combina com predicados não-tipicamente estativos. Os dados revelaram que o verbo *deixar* indicador de aspecto interruptivo em predicados estativos, seleciona um complemento que exiba, necessariamente, o traço [+mudança], ausente nos predicados tipicamente estativos. Com predicados de atividade, o verbo *deixar* indica interrupção de uma série de eventos da mesma natureza ou pode indicar, ainda, que o evento não ocorreu. Com *accomplishments*, *deixar* aciona uma leitura de interrupção de um único evento ou aciona uma leitura de não-realização do evento. O verbo *deixar* se combina com sintagmas adverbiais *por x tempo*, indicando o tempo da interrupção do evento e com sintagmas adverbiais *em x tempo* indicando o início da interrupção do evento.

O verbo *deixar* com leitura aspectual parece apresentar restrições a predicados *achievements*, porém com o uso de estratégias que legitimam um *achievement* na posição de complemento dos aspectuais, a interpretação gerada é a de interrupção de uma série de eventos de mesma natureza. Nesses casos, *deixar* pode, ainda, gerar o sentido de negação. Observamos, também, que alguns predicados de *achievement* parecem acionar uma única leitura para o verbo *deixar*: a de não-realização do evento. Os *semelfactivos* parecem se combinar com o verbo *deixar* que assume, nesses contextos, conotação de interrupção de evento.

Por meio das análises realizadas no capítulo 2, foi possível perceber que esses verbos apresentam diferentes significados quando figuram com complementos de natureza verbal ou nominal. *Parar* e *deixar* assumem uma conotação aspectual quando figuram com um infinitivo, sendo classificados como inacusativos funcionais; quando, entretanto, seu complemento constitui um DP nato ou derivado de verbo que não se pode inferir um infinitivo implícito na estrutura da sentença, o verbo *parar* continua figurando aspecto interruptivo, sendo classificado como um inacusativo lexical. O verbo *deixar*, por sua vez, parece não poder ser classificado como um verbo inacusativo quando figura com complementos nominais e não indicando aspecto, comportando-se como um verbo lexical, selecionando argumentos e os marcando tematicamente. Durante o desenvolvimento das análises, pudemos perceber a importância do traço [+processo] para a classificação e gramaticalidade das sentenças com os verbos estudados.

As hipóteses apresentadas no início deste trabalho formam dados importantes na conclusão desta etapa. Nossa primeira hipótese assumida, de que os verbos *parar* e *deixar* expressam aspecto interruptivo quando figuram com complementos infinitivos preposicionados

[InfP], foi confirmada em partes, pois, em alguns casos, também são acionadas outras leituras, como a leitura terminativa, de não-realização do evento (disponível somente para o verbo *deixar*) e, em algumas sentenças, mais de uma leitura é possível.

A segunda hipótese considerava a possibilidade de o verbo *parar* indicar aspecto interruptivo em todos os seus empregos, mesmo com DP na posição de seu complemento. Esta não foi confirmada durante as nossas análises, pois, quando o verbo *parar* figura com predicados de atividade e de *accomplishment*, acompanhados de sintagmas adverbiais do tipo *em x tempo*, pode acionar uma leitura terminativa, resultado este que não encontramos em outras pesquisas até o momento.

A terceira hipótese se referia à restrição dos aspectuais *parar* e *deixar* a complementos DPs natos (não derivados de verbos) e que esta restrição estaria relacionada ao traço [+processo], requerido por todo verbo aspectual (ROCHETTE, 1999) e foi confirmada durante nossas análises. Nesse caso, o verbo *parar* com complementos DPs natos só é possível quando se pode inferir um verbo implícito na estrutura da sentença, se isso não for possível, acarretará na agramaticalidade da sentença. Já o verbo *deixar* com DPs natos comporta-se como um verbo lexical, ou seja, seleciona argumentos e os marca tematicamente.

A quarta hipótese do nosso trabalho se referia ao verbo *deixar* quando forma sequência com predicados que apresentam o traço [+télico] e apresenta ambiguidade, podendo expressar interrupção de um único evento, ou a não-realização do evento, essa leitura é acionada com predicados de atividade e de *accomplishment*, em sentenças infinitivas. Como apontamos em nossas análises, essa leitura também é acionada em predicados de *achievements*, sendo que, em algumas sentenças, somente a leitura de não-realização do evento é acionada.

Por fim, nossa última hipótese, de que os verbos *parar* e *deixar* oferecem restrições a predicados tipicamente estativos (BERTINETTO, 1991; BASSO; ILARI, 2004) também foi confirmada. Essa restrição está, provavelmente, ligada ao traço [+mudança] ausente nos predicados tipicamente estativos. O verbo *deixar* comporta-se diferentemente do verbo *parar* com alguns predicados não-tipicamente estativos, os quais são passíveis de mudança, como *ser gordo*, *ser casado*. *Deixar* forma boas sentenças com esses predicados e *parar* oferece restrições. Nesses casos, *deixar* parece acionar uma leitura de mudança de uma condição.

Buscamos, também, identificar quais estruturas sintáticas estão relacionadas aos diferentes significados dos verbos *parar* e *deixar*, levando em consideração o uso de *deixar* como verbo funcional e lexical. Por meio das análises das estruturas sintáticas projetadas por esses verbos, objetivávamos averiguar, nos verbos *parar* e *deixar*, as semelhanças e as diferenças entre eles, o que não foi possível em grande parte, devido à necessidade de mais

pesquisas sobre os diversos pontos mencionados no último capítulo, como a função do *de* antes dos verbos infinitivos e do uso do *deixar* como um possível operador de negação. Por fim, atentamos para as restrições que cada um desses verbos impõe aos seus complementos, pelo que foi possível averiguar que os verbos *parar* e *deixar*, na maioria dos casos, selecionam complementos semelhantes, mas que acionam sentidos diferentes e, portanto, impõem restrições específicas.

## REFEFÊNCIAS

- AISSSEN, J.; PERLMUTTER, D. Clause reduction in spanish. In: THOMPSON, H. et al. (Eds.). *Proceedings of the second annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Califórnia: Ed. Berkeley, 1976. p. 1-30.
- BASSO, R.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, p. 15-26, 2004.
- BASSO, R. M. Classes Acionais do Português Brasileiro e sua Sensibilidade Contextual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS NA GRADUAÇÃO, 1. 2004, Campinas. Anais do SEPEG, Campinas: IEL/UNICAMP, p. 57-62, 2004.
- BERTINETTO, P. M. *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano*. Il sistema dell'indicativo. Florença: Accademia della Crusca, 1986.
- \_\_\_\_\_. Il Sintagma Verbale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Eds.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1991. p. 13-161.
- \_\_\_\_\_. Statives, progressives, and habituals: analogies and differences. *Linguistics* n. 32, p. 391-423, 1994.
- BERTUCCI, R. A. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. 2011. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BURZIO, L. *Italian syntax*. Dordrecht: Ed. Reidel, 1986.
- CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, v. 12, p. 7-135, 1967.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Editora Oxford University Press, 2006. 4 v.
- CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Raposo Paiva. Lisboa: Caminho, 1999.
- COMRIE, B. (1976) *Aspect, Na Introduction to the of verbal aspect and related problems*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GONÇALVES, A. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu*. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

- LAKA, I. *On the syntax of Negation*. New York: Garland, 1994.
- LAMIROY, B. The complementation of aspectual verbs in french. *Language*. v. 63, n. 2, p. 278-298, 1987.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F; LOPES, R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004. \_\_\_\_\_ . *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PERLMUTTER, D. M. The two verbs begin. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, MA: Blaisdell, 1970. p. 107-19.
- POLETTI, Cecilia. The syntax of focus negation. *Working papers in linguistics*. Venice. vol. 18, 2008.
- \_\_\_\_\_. On negative Doubling. *La negazione: variazione dialettale ed evoluzione diacronica*, 2008.
- POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, vol. 20, 1989, p. 365-424.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- FERREIRA, N. S. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de Reestruturação*. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009.
- RAPOSO, E. Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In: Jaeggli, Oswaldo & Safir, Ken (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 277-305.
- RECH, N. F.; NASCIMENTO, F. S. A natureza do complemento dos aspectuais: diferentes perspectivas de análise em debate. In: ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros; CAMBRUSSI, Morgana Fabiola (Orgs). *Léxico e Gramática: novos estudos de interface*. Curitiba/PR: CRV, 2014.
- RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Editora Foris, 1982.
- ROCHETTE, A. The selection properties of aspectual verbs. In: Johnson, Kyle & Roberts, Ian (eds.) *Beyond Principles and Parameters*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1999, p. 145-165.
- SMITH, C. S. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- TRAVAGLIA, L.C. A gramaticalização dos verbos *passar* e *deixar*. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 1, p. 9-60, jan./jun. 2007.
- VENDLER, Z. Verbs and times. In: \_\_\_\_\_. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.

WACHOWICZ, T. C. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel. S. J. do Rio Preto*, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.

\_\_\_\_\_; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2006.

ZANUTTINI, Rafaela. *The structure of negation clause in Romance*. Ms., University of Pennsylvania, 1989.